

Kapiiuara

Revista Literária e Cultural da
Academia Rio-pretense de Letras e Cultura

12/12/2016 - 1ª Edição



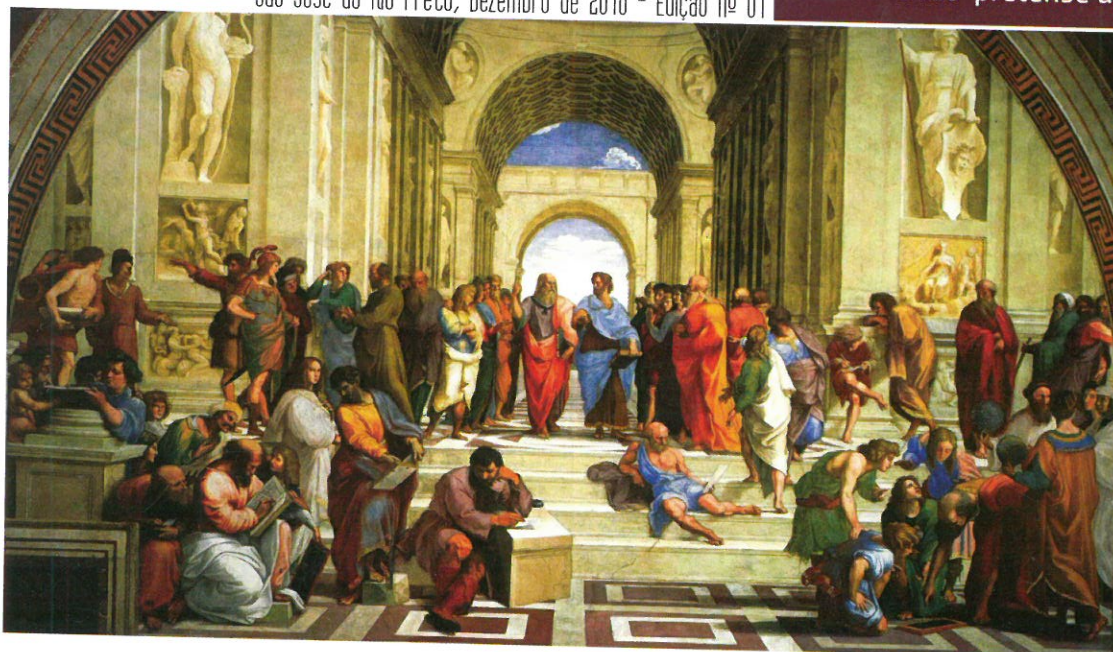
*A nova sigla e a nova presidente da Academia,
Rosalie Gallo y Sanches*



Obra de Araguaí Garcia, ocupante da Cadeira nº 4 da ALERC

LEIA

José Luiz Balthazar Jacob - Antonio Carlos Del Nero - Wilson Daher -
Vera Paráboli Milanese - Maria Helena Curti - Alberto Gabriel Bianchi -
Antônio Paixão/Beppe Molisano - Antonio Florido - Rosalie Gallo y Sanches -
Lygia Fernandes - Domingo Marcolino Braille - Lézio Junior - Antonio Caprio -
Antonio Manoel - Ferdinando Giovinazzo - Hygia Terezinha Calmon Ferreira -
Zequi Elias - Jocelino Soares



EDITORIAL

Academias são espaços democráticos para debater ideias e promover artes e cultura

*Escola de Atenas, de
Rafael; com Platão e
Aristóteles no centro,
debate ideias*

Onde há mais de uma pessoa sempre vicejarão opinião e posição divergentes. O que é ótimo. O pensamento único é ovo do serpentário de absolutistas e tiranos. A democracia — esqueçamos, aqui, o seu aspecto político — pressupõe, *a priori*, a existência de opiniões diferentes. A pluralidade de ideias é a base da democracia. Divergências, quando não descambam para os ataques à honra e à imagem dos envolvidos, são extremamente necessárias e saudáveis nos embates democráticos.

Um grupo de artistas — escritores, artistas plásticos, agentes culturais, professores, fotógrafos, etc... pessoas que lidam com a formação de opinião, que são luminas para a sua sociedade pois ousam ser diferentes e contestadores — não poderia passar ao largo de boas discussões, de bons embates culturais, sociológicos, filosóficos, políticos, quicá religiosos e demais preposições do pensamento humano.

Nossa Academia não é diferente. O que seria de nossa Academia se lhe restasse apenas os momentos festivos, os encontros 'jantarianos' e coquetéis de autógrafos e vernissages...? São salutares as discussões acaloradas, defesas apaixonadas de seus pontos

vistas, atos de humildade na aceitação de um ponto de vista diferente e a grandeza de alma quando todos despem-se das armaduras de ferro para, humanamente, aceitar a ideia, a proposta, a opinião do outro. Ou, dos outros e, ou, da maioria. E mais salutar ainda é, quando juntos, caminhamos para a execução daquilo que temos o dever de fazer quanto instituição.

O que seria da humanidade se todos viram-se as costas e fossem embora quando cada um tivesse seus interesses ou ideais contrariados? A vida, como cantou o grande poeta Vinícius de Moraes, é a arte do encontro.

A Academia Rio-pretense de Letras e Cultura surgiu para agregar pessoas com objetivos comuns mas não ideias e posições iguais. A somatória dos nossos conhecimentos, dos nossos sonhos e das nossas habilidades para a construção de um ambiente cultural e artístico rico e produtivo foi o *leitmotiv* dos nossos fundadores.

Pasmem! Os homens que idealizaram a fundação da nossa Academia não são ligados à produção cultural. Eles perceberam que a cidade carecia de uma instituição como uma Academia de Letras e Cultura e saíram em

busca dos artistas. Tiveram a humildade de enfrentar o desdém dos acadêmicos universitários e a desilusão dos artistas em geral. Não fomos nós, os acadêmicos universitários e artistas, que tivemos essa iniciativa primorosa de criar a nossa própria Academia. Talvez, por isso, ela tenha se sustentado nesses anos de existência.

Como toda organização humana, a nossa jovem Academia teve altos e baixos. É aí que entra a democracia e as eleições: para renovar e provocar. Sem provocação, nada cresce.

Fica registrado aqui, em nome de todos os acadêmicos, nossos agradecimentos mais sinceros à Diretoria encabeçada por Antonio Carlos Del Nero e Romildo Sant'Anna, pelo belíssimo trabalho realizado, e auguramos, para a nova Diretoria, liderada por Rosalie Gallo y Sanches e José Luiz Balthazar Jacob os mais profícuos sucessos.

Registramos os agradecimentos aos mentores e fundadores da Academia: Alberto Gabriel Bianchi, Antonio Carlos Del Nero, Antonio Florido, João Roberto Saes, Paulo Coelho Saraiva, com extensão a Jaime do Amaral e Silva e ao professor Gentil de Faria.

Discurso de Posse de Rosalie Gallo y Sanches

Ilustres Amigos Acadêmicos, senhoras e senhores presentes, boa noite!

É com grande alegria e entusiasmo que me dirijo a todos, nesta noite de posse da nova Diretoria da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura.

Como Presidente agora eleita, encabecei a Chapa União, composição entre amigos e cujo nome foi escolhido propositalmente, intentando estimular todos a um convívio harmonioso e pretendendo congregar nossas forças individuais.

Há poucas semanas o acadêmico Domingo Marcolino Braile foi citado em reunião, ao se referir ao título que esta Academia concede. Concordo plenamente com a descrição de que seja uma honraria. Peço licença a ele, entretanto, para acrescentar a este pensamento algo que eu também penso a respeito. A honraria concedida não exime o novo Acadêmico de algumas responsabilidades; não o isenta de alguns deveres socioculturais. Se, por um aspecto, o Acadêmico adquire direitos como, por exemplo, o de utilizar seu título em suas apresentações, deveres caminham em simbiose proporcional.

Não basta, portanto e a meu ver, ao Acadêmico, incorporar o novo título ao rol de suas conquistas e ignorar as atividades da Entidade, mantendo-se à distância, sem dela participar ativamente. Ressalto que a distância a que me refiro não é física. A distância cultural, essa sim,

é a distância nociva à Academia pois o afasta do centro de interesses que na prática deveria ser o veículo de sua produção de cultura. Não podemos nos contentar em ser meros produtores individuais de cultura sem a consciência prática de que fazemos parte de um grupo coeso. Devemos zelar em benefício cultural próprio, é verdade, mas devemos pensar além. É preciso pensar em promover cultura em nossa cidade e para nosso povo, divulgando-a em batalha diária que as Letras e a Cultura exigem. Desta forma, a produção de cultura eleva o Acadêmico ao patamar de homem culto.

Contudo, este patamar também não é o suficiente para o Acadêmico. Não deve ser seu objetivo último. Ser culto não há que lhe bastar. Sua luta não se resume em amearhar e distribuir informações. Compete também ao Acadêmico a tarefa humana de formar outros seres utilizando-se do meio das Artes como estratégia de conhecimento humano; é previsto ao Acadêmico o comportamento educado e cortês no convívio diante da divergência de opiniões, divergência esta que é a prova incontestável da saúde cultural do grupo. Compete ao Acadêmico, pois, a tarefa de conviver com delicadeza e respeito, seja ao receber seja ao oferecer o que tenha conquistado para bem desempenhar suas funções de homem sobre a Terra. Assim, podemos dizer que quanto mais saudável for a convivência tanto melhor viverá o grupo. Não

imaginemos que seja fácil; digo apenas que não é impossível e que as arestas surgidas por desencontros de pontos de vista deverão sabiamente ser aparadas com respeito por serem colocações pontuais e subjetivas. A convivência harmoniosa é consequência da vida entre homens sábios, simples e humildes, estágio de cultura que o ser humano atinge quando deixa de lado sentimentos menores como a vaidade e o orgulho pessoais. Não sem razão ter respondido Sócrates, ao ser interpelado sobre sua sabedoria, que "Só sei que nada sei".

Não pretendo enumerar itens de um longo plano de ação porque não trabalharei sozinha. Cabe a mim a figura legal e representativa de Presidente a partir de agora mas a sobrevivência da Academia depende da contribuição de todos com ideias novas, com fazeres grupais, atuais e funcionais.

Devo anunciar que as reuniões festivas serão uma necessidade ordinária a ser cumprida rigorosa e mensalmente aos moldes do já sugerido pelo Acadêmico e 1º Vice-Presidente José Luiz Balthazar Jacob, em que uma breve preleção sociocultural suscitará debates produtivos e antecederá a o jantar ou ao almoço mensal para o qual peço antecipadamente a todos que reservem espaço em suas agendas tão logo o cronograma seja divulgado. Também será concretizado o sonho de a página da Academia na Internet ser veiculada e devidamente alimentada com nossas

Rosalie Gallo y Sanches em foto publicada pelo site do DIM - Italiani in Brasile - Democratici nel Mondo (<https://italianiinbrasil.wordpress.com/gallo-rosalie/>). Ela foi eleita presidente da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, no dia 28 de novembro de 2016.

produções através de uma revista virtual. Tenho certeza que muitos projetos serão propostos e serão bem vindos.

O momento é de grande importância. A Academia Rio-pretense de Letras e Cultura está consolidada no tempo graças aos esforços de muitos Acadêmicos aqui presentes e outros tantos ausentes por razões diversas. Desejo agradecer publicamente ao Acadêmico Antônio Carlos Del Nero e sua diretoria pelo trabalho realizado desde a fundação da entidade esperando contar com sua efetiva participação nesta nova etapa em que novos ares sopram trazendo a brisa da esperança, o desejo de realizações e, sobretudo, a força da união.

Concluo afirmando que a presente gestão terá sucesso a partir da colaboração de cada um. É, pois, este o espírito de colaboração que desejo reconhecer em todos com quem conto a partir de hoje, quando os convido a trabalhar em grupo e a realizar feitos culturais em nome da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, entidade que devemos honrar acima de qualquer interesse particular.



Nossa primeira atividade cultural será no próximo dia 11 de novembro, sábado, às 10 horas, em local ainda a ser confirmado e divulgado posteriormente. Será uma palestra diferenciada: "A preservação do conhecimento através do livro", a ser proferida pelo Senhor Antonio César Garcia, Bibliotecário-chefe da Biblioteca do Mosteiro São Bento, de São Paulo e da Biblioteca da Abadai de Santa Maria. quando o especialista mostrará inclusive imagens de livros raros que aquela Biblioteca pos-

sui em seu acervo. Espero que os Acadêmicos estejam presentes e tragam pelo menos um convidado. No mais, repito, conto com a participação de cada um para trabalhar em favor das Letras e da Cultura, por sermos seus legítimos representantes.

Muito obrigada pela confiança depositada em mim para exercer o cargo que passo a ocupar.

Muito obrigada pela presença de todos e boa noite.

Porque Kapiiuara

LELÉ ARANTES

Entre tantos edifícios de pedras e tijolos, destacam-se na cidade, nas verdes margens dos “Lagos”, formados pelo represamento do rio Preto, as capivaras – o maior roedor do mundo – que, languidamente, nadam e pastam sob a claridade do sol que faz ressaltar as cores da cidade. As capivaras são hoje a atração para crianças e turistas. É comum encontrar-las em bando, grandes e majestosas, nadando, ou caminhando e pastando, ou simplesmente paradas, espriadas para, indolentemente, captar o calor e os raios do sol.

Quando idealizamos a nossa revista, foi a presidente Rosalie Gallo que levantou a ideia de batizar nosso informativo de Capivara. Pesquisando, chegamos à grafia em Tupi, juntando kapii (palavra formada pelos vocábulos kaá, de mato, erva, planta; e, pii, que significa fino. Assim, kaá + pii daria capim fino. A estas, juntou-se uara, que representa dono, senhor, senhora. Kaá + pii + uara e surgiu kapiiuara, isto é, “senhora do capim”, que Anchieta, em latim, não teve dúvida em juntar e transformar em Capivara, conforme se pode atestar em carta o padre José de Anchieta escreveu aos seus superiores, na

Espanha, em 1560, informando-os sobre as riquezas de São Vicente. Nesta carta, ele cita pela primeira vez a “capivara”, descrevendo-a como um animal “comedor de ervas”.

A escolha do nome nativo da Capivara para denominar nossa revista tem raiz na formação do nome da nossa cidade: São José do Rio Preto. Este nome se deve à presença de uma tribo de índios Guarani que vivia no espigão do rio Preto e dos córregos da Canela e Borá quando os brancos, atraídos por terras férteis, aqui chegaram para se apossear de grandes glebas devolutas. Os índios viviam onde hoje se encontra a praça Rui Barbosa, próximo do cruzamento das ruas Bernardino de Campos e Jorge Tibiriçá.

Com a presença dos brancos, os índios Guarani foram perdendo seu espaço, e um dia eles anoiteceram, mas não amanheceram. Numa das choças por eles abandonadas, Mariana e uma de suas escravas domésticas, Maria Madalena, encontraram uma imagem de São José de Botas, esculpida em madeira, sob uma caixa de marimbondos e parcialmente queimada. Essa imagem fora deixada pelos índios.

Para abrigar a imagem de

São José de Botas, os moradores da vizinhança construíram uma capela. Por causa disso, a “villa do Rio Preto” passou, pouco a pouco, a ser conhecida como “vila de São José do Rio Preto”.

É bom esclarecer que Mariana era mulher de João Bernardino de Seixas Ribeiro, portanto, ela é uma das pessoas responsáveis pela fundação da cidade. Percebe-se que três etnias marcaram a fundação da cidade e a formação de nossa gente: o branco, na pele do caboclo oriundo de Minas Gerais; o índio Guarani, e o negro, escravo.

Não se surpreendam, mas as capivaras, com sua carne saborosa, serviram de alimento por muito tempo para os nossos antepassados. Como observou Pêro de Magalhães Gândavo, em 1858, a carne da capivara era muito apreciada, ressaltando que era uma carne boa para os enfermos. “É muito saborosa e tão sadia que se manda dar aos enfermos, porque para qualquer doença é proveitosa, e não faz mal a nenhuma pessoa”.

Anchieta foi mais longe. Além de assegurar que as capivaras eram “próprias para comer”, ele registrou que elas eram criadas nos quintais como cachorros, gatos e galinhas, perfeitamente domesticáveis”. O padre escreveu que elas saíam para pastar e “voltavam a casa por si mesmas”.

Não é de estranhar que as capivaras se tornaram habitantes regulares na cidade. Vivem na Represa, onde encontram água em abundância, e tem boas pastagens e liberdade de ir e vir. Protegidas pela lei, elas se proliferaram e tornaram-se atração popular.

Com a Revista Kapiiuara, a Academia Rio-pretense de Letras e Cultura acreditar estar abrindo a portas não apenas para a publicação de obras de seus membros, mas também para outros escritores e artistas que hoje não tem fácil acesso para a publicação impressa de seus trabalhos.

Nossa revista também cumprirá a função de divulgar os atos da diretoria e os eventos envolvendo nossos imortais, levando ao mundo o resultado de nossas atividades, sejam elas acadêmicas, literárias ou simples diversão, com a mesma paciência e democracia com que as nossas capivaras aceitaram dividir seu espaço conosco e com os demais animais que partilham de seu *habitat*.

Atração turística e xodó da cidade, a capivara repousa tranquilamente ao sol, na margem da Represa Municipal (Lago). Foto extraída do blog do Instituto Histórico, Geográfico e Genealógico de São José do Rio Preto.

A segunda foto foi publicada na Coluna do Beck (www.colunadobeck.com.br) no dia 19 de março de 2015, às 14h19; a foto é do jornalista André Modesto.

Embaixo, “a capivara desgarrada” (foto do site http://farm4.static.flickr.com/3571/3850145593_cc66703940_o.jpg) não traz o nome do fotográfico que captou essa imagem cotidiana das capivaras em Rio Preto



As Poésias do Dr. Jacob

PODER

Poder, palavra enganosa,
que esconde a ambição
e disfarça a arrogância,
criando em sua esteira
pessoas que escondem do povo
sua cobiça que enoja.

Poder, palavra enganosa,
que ludibria incautos e humildes,
gerando na sociedade
atitudes as mais radicais,
de gente que se deforma
por se tornar poderosa.

Poder, palavra enganosa,
que encanta mulheres
e atemoriza ou empolga homens.
Sua busca desenfreada,
trará sempre para a sociedade
atitudes as mais danosas.

Poder, palavra enganosa,
que arrebatou os despreparados
e lhes enche de prepotência,
criando monstros arrogantes,
que geram com suas ações,
consequências as mais desastrosas.

Poder, palavra enganosa,
que cria juízes e jurados
e produz marginalizados.
No seio de sua falsa grandeza,
se esconde a grande fraqueza
das mentes mais odiosas.

Poder, palavra enganosa,
que premia e eleva injustos,
massacrando os corretos.
No entanto, sua duração é fugaz,
permitindo que sempre ressurgja
a verdadeira justiça gloriosa.

LULA

Lula é e sempre será um molusco.
Conhecido como um dos frutos do mar,
Seja à dorê ou provençal é deliciosa!
Tem a ideal resistência à mastigação,
e após a ligeira rigidez inicial,
vem a leveza do paladar celestial.

Mas são assim todas as lulas?
Essa é a grande indagação!
E a resposta é não.
Tornaram-na apelido de pessoas
nem sempre dignas de representá-las,
passando muitos a difamá-las.

É necessário ter calma.
Esse não é um molusco!
Trata-se de um humano agressivo
e literalmente possessivo,
que talvez não nos devore,
desde que o socorro não demore.

A lula é macia e suave!
O Lula é duro e grosseiro!
A lula é saborosa e agradável!
O Lula é insípido e desagradável!
A lula anima o aperitivo dos brasileiros!
O Lula aterroriza os mesmos brasileiros!

Portanto, cuidado ao julgar!
A simples palavra lula
nem sempre significa
algo a se temer ou odiar.
Pode ser um simples molusco
a agradar seu paladar!

CICATRIZES

Cicatrizes todos nós temos!
Físicas, sentimentais ou
psicológicas,
invariavelmente existem!
Delas não nos envergonhemos,
são parte da nossa caminhada,
devendo ser aceitas e lembradas.

Cicatrizes são marcas da vida!
Quem diz não as ter,
nega sua própria experiência,
deixando de aceitar com decência
as marcas que todos carregam,
pelo valor maior da existência.

Não escondamos as cicatrizes!
Delas não nos esqueçamos,
pois são nossa identidade!
Quem passa pela vida sem marcas,
com certeza é alguém sem brilho,
descompromissado com a
realidade.

Cicatrizes são marcas indeléveis,
que sempre representarão
o prazer em lutar pela vida.
Se físicas, não nos tornam feios,
pois mostram a força interior,
que a seguir em frente nos levou.

Cicatrizes são marcas indeléveis,
que sempre registrarão
o valor que damos a vida.
Se sentimentais, não nos
diminuem,
pois, mostram a grandeza da
paixão
que nossa vida envolveu.

Cicatrizes são marcas indeléveis,
que sempre demonstrarão
nosso compromisso com a vida.
Se psicológicas, não nos
enfraquecem,
são as marcas da perseverança
que o amor a vida nos moveu.

José Luiz Balthazar Jacob

GROTESCO

O grotesco é figura triste,
mas não pelo fato de o ser.
Muito mais ele o é,
por insistir em parecer não ser.

Tenta parecer culto,
mas sua cultura é inútil.
Almeja demonstrar fineza,
mas sua vida social é fútil.

De tudo entende,
embora muito pouco saiba.
Ele opina livremente,
embora indevidamente.

O grotesco é figura triste,
que julga sempre ter muito.
Apesar de por mais que tenha,
reconhecimento não obtenha.

Está sempre cercado de gente,
de espertos atentos em sugá-lo.
Por isso, se julga querido,
não notando que é explorado.
Será sempre grotesco,
e nada poderá mudá-lo.

Adora ser fotografado
e aparecer em jornais.
Tem por capas de revistas
verdadeira e incurável avidez,
estando sempre disposto,
para isso fortunas gastar.

O grotesco relata viagens,
mas as conta de forma numérica,
não permitindo que outras cultu-
ras
o transformem em um ser melhor,
Pois crê ter nascido o máximo
e nada poderá transformá-lo.

Bebe vinho porque é moda!
Uísque dezoito anos por pose!
Serve caviar sem saborear,
apenas para esnobar!
E ao servir em abundância, caros
frutos do mar,
julga que de árvores marinhas,
eles devam brotar.

Diante dele o melhor a fazer,
É nossa boca calar.
Com ouvidos desatentos,
deixar suas imbecilidades ao ar,
esperando com habilidade
a primeira chance de se retirar.

Convivi com alguns desses,
sem nunca me aproveitar.
Apenas cumpri obrigações,
sem sequer me deliciar.
Bebi apenas a cerveja
e dispensei seu caviar.

DIA DAS MÃES

Acordei nesse domingo
e logo me pus a pensar.
Beije minha mulher
e guardei cada filho acordar.

Ouvi o ruído do celular.
Era a minha família a falar,
cada qual fazendo seu verso,
para a própria mãe encantar.

Pensei por alguns minutos
e me vi solitário a lembrar,
há mais de quarenta anos
não tinha minha mãe pra abraçar!

Bateu a intensa saudade
e também o desejo ardente
de fazer a mente lembrar.
Mas infelizmente a lembrança
não cura o coração latejante

da enorme saudade a saciar.
Não existem apenas mães boas!
Não são todas abnegadas
nem ao menos dedicadas!
Mas todas tiveram a coragem,
de mesmo em um mundo difícil,
fazer uma nova vida germinar!

Viver é o dom maior
que Deus ao homem concede!
Se sua vida valerá a pena,
caberá ao próprio homem julgar,
sem considerar as exigências
de uma falsa sociedade a cobrar.

Feliz dias das mães a você,
que expos seu ventre a crescer,
embora sem certeza alguma
de quem dele iria nascer!
Abençoada seja sua coragem
de permitir nova vida florescer!

Esse domingo não é das mães
ricas!
Menos ainda das ostentadoras!
Ele é um dia para se refletir
onde está o maior e verdadeiro
amor.
Se naquelas com filhos realizados
ou naquelas que amargam a dor!

Antonio Carlos Del Nero

A História e a Reforma Tributária

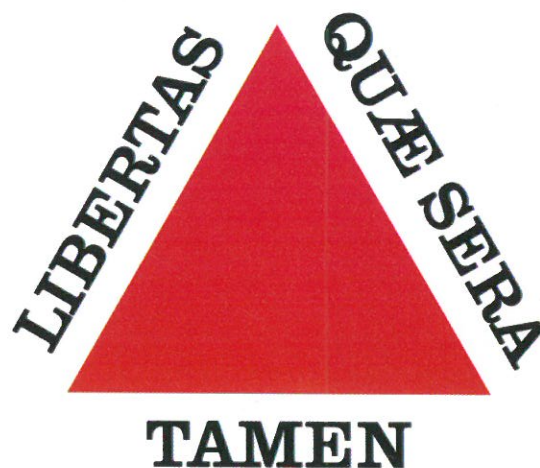
A História nos conta que os povos sempre têm reconhecido a legitimidade e a necessidade de o Estado coletar tributos. E nos aponta a passagem evangélica em que Cristo é questionado pelos fariseus se era justo o pagamento de impostos a Cesar, o imperador. Sabe-se que os povos sufocados por exigências fiscais injustas se revoltam. No Brasil, o mais notório caso foi a Inconfidência Mineira.

Antes de se falar em Reforma Política, que só interessa a eles, nunca será demais apontar as mazelas que pairam sobre o atual Sistema Tributário: a) não há justa contrapartida social frente aos tributos pagos; afinal não temos segurança, educação, saúde pública eficientes; b) o setor produtivo ressenete-se pelo chamado "custo Brasil", agravado pela crescente carga tributária; c) não há equilíbrio entre a despesa pública e a receita, o que demanda abusividade na arrecadação por parte dos governos; d) altos níveis de sonegação fiscal, principalmente em relação a tributos como Imposto de Renda, ICMS, IPI, Cofins etc., com previsíveis consequências em relação à concorrência desleal entre os que cumprem as suas obrigações tributárias e os sonegadores; e) a complexidade do Sistema Tributário Nacional que, com cerca de 80 tributos, provoca custos e

dificuldades ao contribuinte.

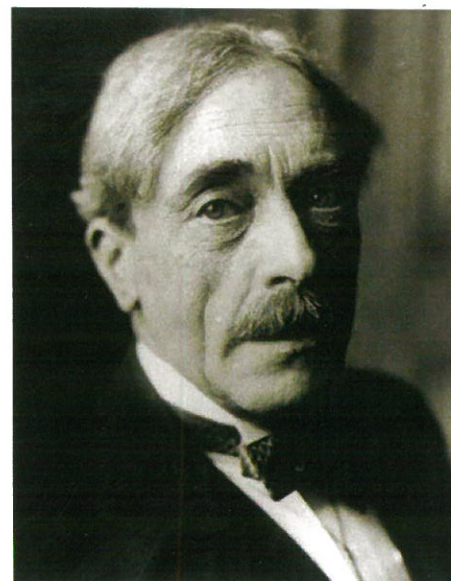
Para se ter ideia, estima-se que mais da metade das ações que tramitam na Justiça Federal são de natureza tributária. O modelo que se almeja para um Sistema Tributário ideal é o sonho de todo contribuinte. Assim, esse modelo, para ser bem sucedido, deverá observar algumas premissas básicas: a) ser transparente, simples e equânime, com baixos níveis de sonegação, de forma que, com mais contribuintes pagando tributos, todos paguem menos; b) desonerar a cadeia de consumo, afastando os efeitos da tributação em cascata; c) privilegiar a transparência e a eficácia dos gastos públicos.

No Brasil, a Lei da Transparência foi incorporada ao texto da Lei da Responsabilidade Fiscal. Na verdade, a primeira promoveu alterações no texto da segunda. A Lei da Responsabilidade Fiscal, que controla os gastos dos administradores, ficou mais rigorosa e compatível para o controle dos contribuintes às informações e publicidade dos gastos públicos. Seu espírito é tornar visíveis os atos dos administradores, principalmente com o quê e com quem se gasta na máquina estatal.



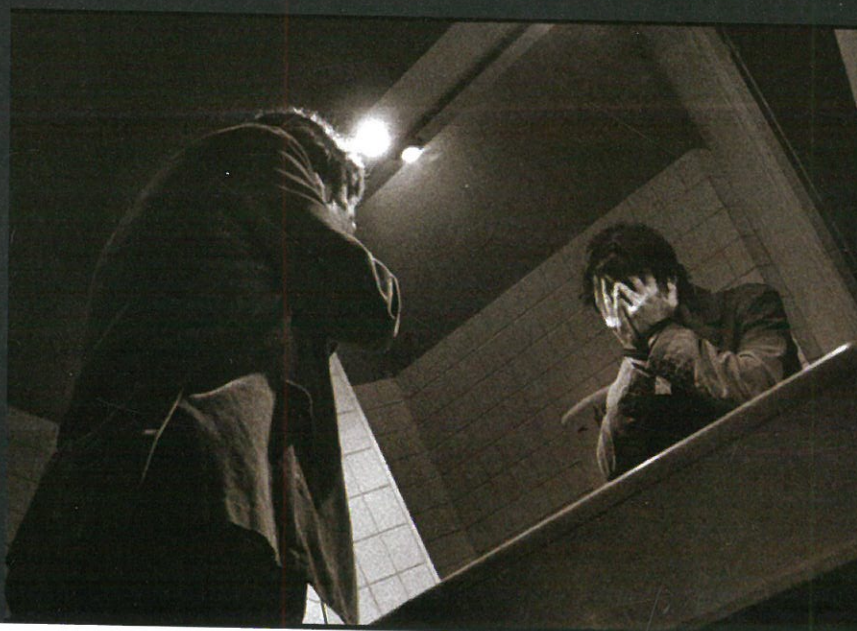
Depravação pública existe em todos os países, desenvolvidos ou não, mas a diferença é o rigor na fiscalização e na penalização daqueles que ocupam cargos eletivos ou de confiança, que atuam em desacordo com a legalidade. No entanto, não basta a ferramenta, mas devemos usá-la.

Paul Valéry (*foto embaixo*) chamou de as duas maiores invenções da humanidade: o passado e o futuro. Portanto, Contribuintes, a Reforma Tributária e a nossa fiscalização usando a Lei da Transparência são de suma importância para a "futura" história do nosso País.



ÁGUA FRIA EM ROSTO MAL DESPERTO

WILSON DAHER



Os cotovelos fincados sobre a pia nesta manhã de domingo, cinco horas da manhã, de chuva, com a escova de dente na mão direita, sem força ou vontade para a esfregação, meu rosto bobo no espelho em frente, olhado com certo ar de desdém, de deboche talvez. Ou será de pena, pena de mim mesmo? Deveria não me olhar, escovar meus dentes como sempre faço, de olhos fechados, pensando na vida pra não pensar na morte ou, como muitas vezes, pensar na morte pra não pensar na vida que escolhi, sem ser escolhido por ela. Sei que minha mãe se sentiria mal se penetrasse meus pensamentos, foi dela todo o empenho em cumprir promessa para seu filho, mas mesmo ela morta há mais de seis anos, eu não descumpriria por amor e respeito à sua fé. Que a dela era inabalada, enquanto a minha vacila entre ela e a razão. Esta razão que me faz indagar do porquê de me levantar às cinco da manhã de um domingo, quando a vontade era a de quebrar o despertador de encontro à parede, com seu alarido insuportável. Quando eu morava com a mãe, ela até me proibia de usar o despertador, era ela quem me acordava com o cheiro do café no coador de pano, que eu bebia acompanhado de umas poucas torradas feitas de pão amanhecido. Nem sei como interpretar tudo o que vem acontecendo comigo. A mãe que me veio agora à lembrança, me parece cobrar todo o empenho em seguir meus votos, mas eu ouço a chuva ricocheteando

de encontro à janela, junto com o assobio de um vento leve, isto me seduz de tal maneira que eu até penso em me jogar de novo na cama e esquecer por um dia as obrigações dominicais. Também, penso, quem se atreverá nesta manhã chuvosa a me ver, repetindo o ritual monótono da missa de domingo, erguendo o cálice consagrado, enquanto disfarço um leve e pecaminoso bocejo, olhando disfarçadamente as senhoras que se ajoelham em silêncio respeitoso, mais compenetradas que eu mesmo. Eu as admiro, até acho que as admiro porque lembram minha mãe com suas velas acesas e suas promessas intermináveis, são as que restaram para contar da fé religiosa, diferentes daquela gente que atopeta os bancos de minha igreja, em convescotes sociais, com vergonha até de pronunciar um frugal amém.

Levo ou não levo à boca a escova pendurada em minha mão direita, essa é a hora em que um gesto define um dia. Mas se ainda hesito, a parcela da razão que deveria me jogar de volta ao leito, me obriga a pensar na necessidade da celebração, eu devo uma explicação a Deus (ou à minha mãe) porque ontem não me contive, sinto que passei dos limites, ante a lembrança das cenas de um casamento.

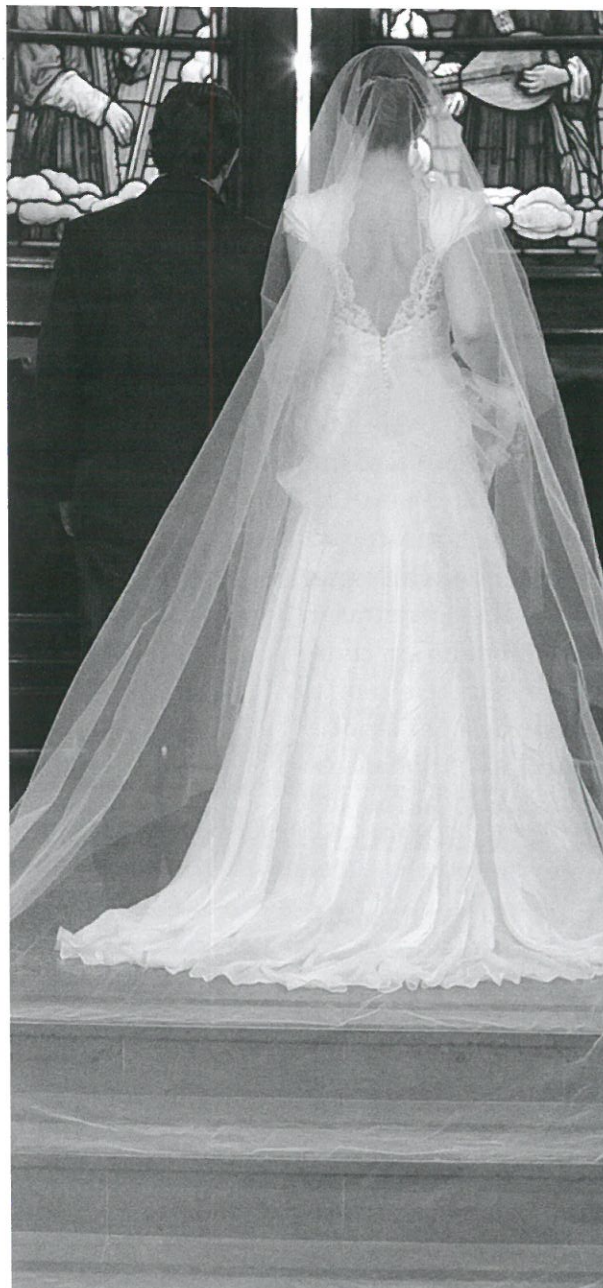
Cenas de um casamento, ontem: a espera cansativa nos bastidores, já paramentado e olhando o relógio a cada minuto, pensando na injustiça ou na ingratidão, pois, ainda que pouca, tenho as sobras de minha vida particular, sou ainda um indivíduo além da instituição, embora poucos pensem nisso. Impaciente, me vejo andando de um lado para outro, às vezes espiando o interior da igreja para ver se descubro qualquer rumor de chegada da noiva. Nada ainda, apenas o martelar dos saltos dos sapatos femininos e os abraços efusivos de casais que, dentro do templo, já planejam sobre a mesa do bufê. Sou possuído de certa raiva, alguns diriam que se trata de inveja e mentalmente me condeno, ao dar de cara com o Cristo pendurado na parede nua. Só desperto desse mal-estar com o alarido das trombetas que anunciam a entrada do exército de padrinhos, madrinhas, daminhas, que vai tomando todo o espaço do altar. Espremidos, um contra o outro, eles se abraçam ainda, por cima de seus ternos suados.

Mas só quando me coloquei à frente do altar, as mãos entrelaçadas, olhando a noiva que caminhava ao lado do pai, solene, risonha e feliz no meio da nave da igreja, tive aquela estranha sensação. Percebi que não era algo que me ocorrera antes nestas circunstâncias, era uma sensação de vago desconforto no peito, diria que era um sufoco tomando conta de mim. Fechei os olhos sem apertá-los, por poucos segundos e, ao abri-los de novo, a noiva já subia os degraus do altar, recebida pelo seu eleito. Só então compreendi o que parecia inexplicável, pois ao cumprimentá-la, senti nela e na fragrância que exalava de seu rosto, uma coisa mais profunda que confundia uma aura de anjo com um ardor de sexo em sua pele. Voltei-me rápido para meu espaço no altar, fechei meus

olhos em ato de profunda contrição e senti que um silêncio maior se fizera no interior do templo. Isto foi bom, me proporcionou um momento de introspecção, para que eu comesse a cerimônia. Mas algo ainda me incomodava, eu não conseguia evitar olhares furtivos para a noiva, perturbava-me de modo incomum a percepção de seu peito arfando em ondulações suaves, o que me pareceu, em súbito instante, um convite erótico em minha cabeça.

Pensei em apressar a cerimônia e escapar dali o mais breve possível e, paradoxalmente, percebi em mim um desejo de que aquele momento nunca terminasse, enfeitiçado por aquela visão etérea e carnal diante de meus olhos. Mas ao fim, porque tinha que ter um fim, no ritual do cumprimento aos noivos, pecaminosamente, senti algo crescer dentro de mim, sem que eu deixasse de temer uma possível catástrofe moral.

Dormi mal à noite, tentando me embalar ao som da chuva mansa que começava a pingar na janela do quarto e agora, aqui, com os cotovelos fincados sobre a pia do banheiro, na perspectiva inevitável da missa das seis da manhã, me inundo com a água fria em meu rosto mal desperto, como se assim fosse possível lavar a sujeira pura da lembrança de ontem à noite.



A foto da página anterior é de Danilo Camacho, extraída do site <http://blog.cancao-nova.com/bemdahora/2012/07/30/de-frente-com-o-espelho/>, em 20/11/2016; Foto da noiva,. extraída do site <http://www.dicafeminina.net/>

Vera Paráboli Milanese

Poesias

BANDEIRA BRASILEIRA

Chove fino em Praga.
Flocos de algodão
Desmanchados cantam
No tecido colorido
De minha sombrinha checa.

Chove fino em Praga.
E de Praga penso
A garoa de São Paulo,
O temporal do Rio,
Chuva fina, ventania.

Chove fino em Praga.
Mas meu coração
Forasteiro, pelo Brasil
Vê que, seco, desmancha-se
Em manchas azuis, verdes e amarelas.

Chove fino e branco em Praga.

** Poema premiado no Prêmio Mundial de Poesia Nosside/
Itália 2008*

VOO

O toc toc do homem que quebra pedras
Me quebra, alucina e ensurdece.
Mas ele as quebra como se rezasse
Ajoelhado na poeira de sua prece.

Em meu ateísmo de última hora
Odeio suas mãos santas e sábias que quebram pedras
Toc toc toc toc...

Adentro, então, minha própria catedral
Onde sou a pedra a ser quebrada
E me dou, inteira
Às mãos eternas.

Minha cabeça, pernas, braços, juntas e pés
Viram pó de pedra
Matéria volátil que voa para longe
De ossos corroídos e desidratados.

Voo alto, voo longe
Em busca de uma tarde
Em que o silêncio não seja quebrado
Pelo homem quebrando pedras.

** Poema premiado no Prêmio Mundial de
Poesia Nosside/Itália 2015*



DANÇA

DANÇO
a dança
do teu ser
colado ao meu.

LANÇO a lança
Do teu eu.

DANÇO
a dança
que
não cansa.

LANÇO a lança
Do meu eu.

DANÇO
a dança.

DANÇAS...
DANÇO...

Mas, de repente,
O tom se finda.
E nós queremos
Dançar ainda.

DELÍRIO

Um sonho perfumado,
Vaga, intenso
Por todo o meu corpo.

Cores, fantasia...
Sua essência evoca.

Toca-me profundamente.
Arranha pensamentos,
Amaina emoções.

Um sonho perfumado,
Vaga, intenso
Por todo o meu corpo.

E s v a z i a - m e d e m i m .

POETA

O poema da véspera me acorda.
Rimas pobres, pés quebrados.
O abecedário espalhado sobre minha cama
me atordoia com seus gritos de bom dia.

As letras sobem e descem em minhas costas, boca,
peitos, nádegas, virilha e coxas,
num interminável ballet.

Amor rima com dor,
calor, fervor, ardor.
O sol dourado
quer ser amado.

ESPREGUIÇO-ME
PREGUIÇOSAMENTE

Para que tanta rima, meu Deus?

As letras gargalham de meu sono.
Dou-lhes um piparote, e adeus!

MEIO-FIO

Agora, chego...

Leve
E pesada.
Estranha,
Solitária.

Embarço-me
Nos fios
De minha própria
Teia.

Busco-me
No fino fio
De minha
Infeliz História.

Encontro-me
No meio-fio
De minha
Memória.

EXERCÍCIO POÉTICO

Cai a noite
E com ela
Corpos silentes, dolentes
Encapotados se vão

Mudos olhares
Roucos desejos
Loucos, poucos

Chove chuva
Chuva fina
Chuva fria

Chove...
E eu permaneço seca
Chove...
E eu estremeço cega
Chove...
Só eu permaneço só

A chuva para. A chuva vara

Sem molhar parou
Sem querer marcou

A chuva não vem do céu
A chuva nasce em mim

A chuva não traz o sol
A chuva não traz, não faz

Agora só chove em mim

DECOLAGEM

O verde em quadros
Atinge meus olhos-criança
E brinca com minhas córneas
Enquanto meu corpo nuvens espessas atravessa

A turbina penetra ouvidos e ossos amarfanhados
Músculos, pele, tudo controla

O verde em quadros
Sorri para mim
De sua insana imensidão. Sem fim!

Desenhos dançam num chão distante
Nuvens suaves abraçam a nave
Meu peito me aperta
Na saudade de ontem
Meus olhos sorriem nas nuvens dispersas

Voam comigo meus sonhos, anseios
Deixo lá embaixo o que não vivi

Quem sabe voando
Um dia se acabe
O aperto no peito
Essa sede. Vazio sem fim



CARIBENHO

MULHER

Quero vê-la inteira, hoje,
Mulher!

Mulher que vibra
Ri, chora...

Mulher que luta
Sua, batuta

Mulher que dança
Canta, alcança

Mulher que sempre
E sempre quer mais...

Mulher-menina
Menina-mulher

Mulher que pensa
Decide, repensa

Mulher que ama
Linda, uma dama!

Amante de si
Do outro, por nada...

Aberta ao belo
Feliz, amada...

Mulher: veja
Com olhos novos...
Ouça
Com ouvidos nus...

A vida canta!
Encante-se, mulher!

Submersa na branca,
fina areia caribenha,
sou praia e mar,
terra e céu.

Do meu cabelo turquesa,
nascem fortes e altas ondas.
Que vão e vem,
Intermitentemente.
Interminavelmente.

Submersa nas ondas
do meu cabelo
de límpido mar caribenho,
sinto-me viva: só, una e precisa.
Grão e gota.

Molemente, docilmente,
do meu peito escarlate
a letra se faz
poema.

Nas areias brancas, finas e quentes,
vejo-me cada dia mais onda e cabelo.
Sal do oceano
que ao oceano turquesa, triste, regressa.

EFÊMERO

O cantar frágil
Desse triste pássaro
Fala, rouco, da
Brevidade da vida.

Inutilidade das desesperadas
Ações, convulsões.
Beijos partidos,
Flores murchas,
Mal-cheirosas.

O que era ontem, já não é.
O que valia, mexia
Jaz perdido com um olho aberto.

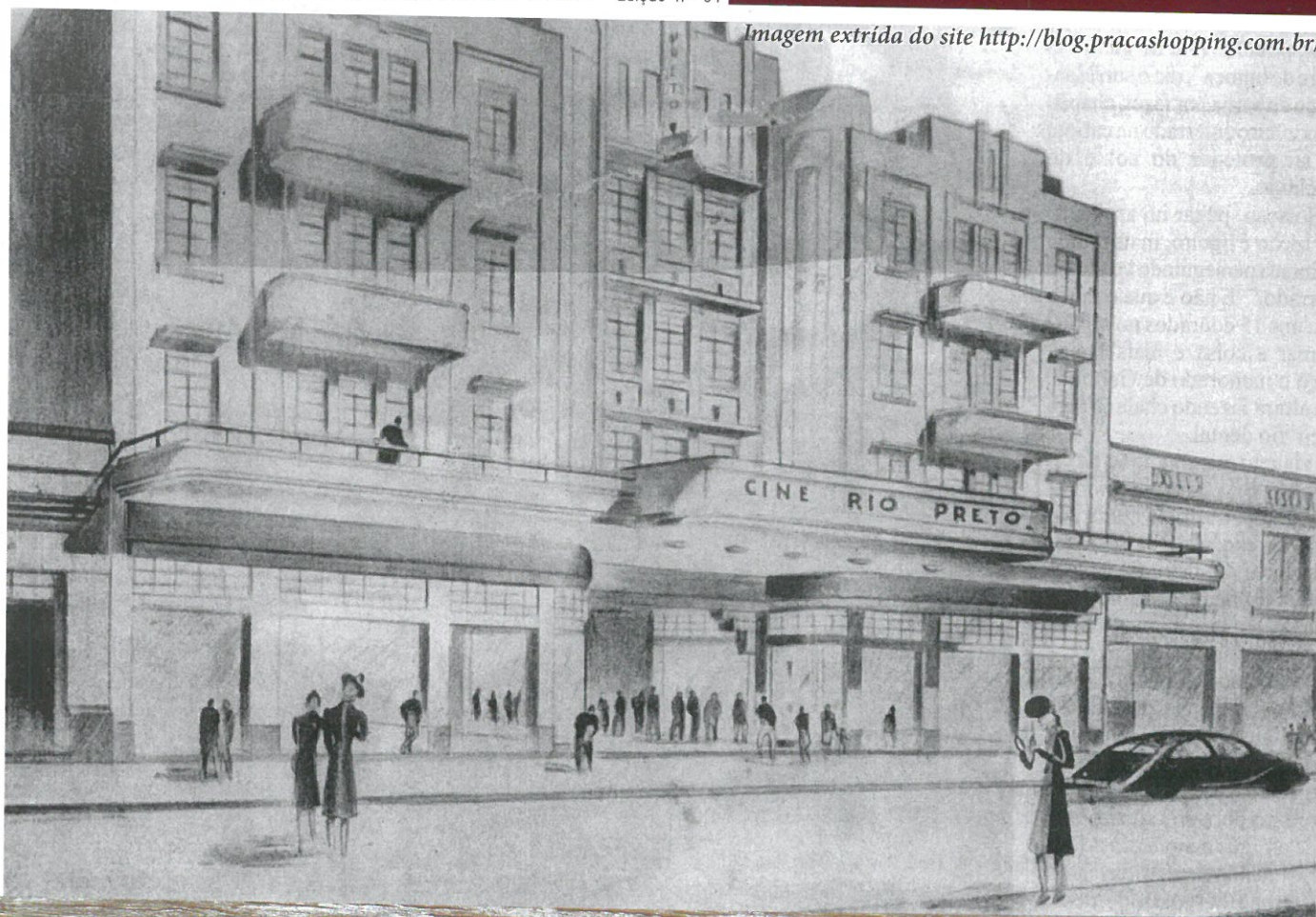
Gargalha infinitamente
Da soma de nossas esperanças.
Vãs, soltas no azul.
Onde o pássaro frágil
Morre, de tanto rir. De nós.

PARADOXO PAULISTANO

Aqui, onde tudo é silêncio.
Onde tudo é nada...
Onde ninguém é alguém.

Aqui, onde todos se comem.
Onde tudo se consome.

É aqui, nesse torvelinho
De desesperanças,
Que vejo nascer
A minha mais doce e pura,
Minha mais santa e nobre
Vontade de viver.

Imagem extrída do site <http://blog.pracashopping.com.br/>

Maria Helena Curti

A PRETA DA TERRA E OS SETE GIGANTES

ERA UMA vez uma menina que vivia no melhor dos ninhos. Pretinha pelo sol inclemente da região, branquinha pela pureza interior e mulata na miscigenação cabocla e generosa da alma.

Um príncipe encantado, loiro de olhos azuis, longilíneo, típico do norte da Itália, surgiu nessa estória para enriquecer uma etnia cafuza. Como galã saído das telas, montado num cavalo branco, apeou na Fazenda Santa Helena e ai amarrou sua vida por quase cinquenta anos.

De 1959 a 2003 viveram juntos Pretinha e Pedrinho,

a infância de seus filhos e da cinematografia brasileira, exibindo filmes, construindo cinemas, distribuindo películas por cada canto desse sertão da araraquarense .

Na construção dessa saga, Pietro, imigrante italiano e príncipio desse realismo mágico antecipou com sua esposa, a polentara Saleta, em Taquaritinga, um “Cinema Paradiso” no final do século dezenove. Esse filme saltou do sonho dos nonos para a tela da vida, ainda pelos idos de 1880, com o elenco dos filhos Francisco, Joana, Teresa, Manoel e Antonio.

Francisco seria o esteio de força, como primogênito, habituado que era ao trabalho pesado. Joana cuidaria da bombonière providenciando a venda de balas, bombons e guloseimas, só sendo vetadas as gomas de mascar, novidades que danificavam as cadeiras. Teresa, mística como ela só, seria a benzedeira e encarregada dos passes para abençoar e energizar a plateia e a sala de projeção. Manezinho, “nato prematuro”, seria o lanterninha, já que parecia um vagalume com seu corpinho franzino.

Antonio, ah esse Antonio!, que era também Leopoldo, já

“nato brasileiro” e empelicado nasceu com toque de Midas. Sortudo e inteligente, era colocado sobre um caixote para alcançar o projetor e dar o start na máquina maravilhosa onde passavam os rolos de celulose que deliciavam as plateias, ávidas por comédias, feitos épicos e romances adocicados cheios de beijos inesquecíveis...

Com a ajuda de todos e o trabalho incessante da família, descobriram seu “sentido na vida” - que Viktor Frankl define como a essência do saber.

Antonio estudou e se formou em São Paulo se tornando contador por famosa escola de Comércio. O menino que cresceu atrás daquele projetor aprendeu a galgar os degraus da sua existência, tal como subia naquele caixotinho, todas as noites, com a gana de mostrar encantamentos e lutar por seus ideais. Ele roubou o calor e a energia do carvão grafitado que iluminava cada cena dos filmes e que continuaria aquecendo e iluminando cada cena da sua vida.

Já não era mais em Taquaritinga, no velho Cine São Pedro, mas em Rio Preto, agora casado com Leonor, onde construíram seu novo lar. Depois de fabricar sabonetes que lhes perfumavam a casa, o cheirinho de quatro crianças lhes movimentava os dias e inspirava dignidade e trabalho.

Foram os primeiros anos dos mais de setenta que viveram juntos e felizes nessa terra de São José.

A paixão na infância pelo cinema, sempre presente, trou-



xe de volta o mundo mágico que embalara seus dias de garoto. Comprou um terreno num ponto estratégico e construiu o Cine São José. Depois comprou o Cine Rio Preto e construiu o Cine São Paulo... e não parou nunca mais...

Encantou gerações, trazendo de Rodolfo Valentino a Ava Gardner, de John Wayne a Elizabeth Taylor, de Mazzaropi a Eliana e Adelaide Chiozzo, deleitando plateias com divas e galãs de várias épocas.

Essa fábrica de fantasias e de sonhos durou décadas até que o efêmero da vida secou como uma lágrima e... se teve que segurar o sorriso pelo tempo necessário...

VOLTANDO a menina Pretinha queimada de sol chegamos meio século depois à Preta da Terra e os Sete Gigantes.

Essa menina se casou com aquele “príncipe encantado de olhos azuis, longilíneo”, como um galã saído das telas, um dos filhos de Antonio e Leonor. Virou a Preta da Terra e teve dois dos seus sete gigantes. Mais dois chegaram, grandes netos heróis do futuro, vinte e tantos anos mais tarde. Os outros três gigantes chegaram há pouco e são os mais recentes amores desse conto de fadas.

Assim como nos filmes, imigrou também a estória da Branca de Neve e os Sete Anões. Virou a Preta da Terra e os Sete Gigantes, ganhou cores locais, temperadas com cravo, canela e pimenta, plena de sabores nossos e de valentes brasileiros da gema.

Nos velhos tempos, quando Pirangi não tinha asfalto, as estradas e as ruas eram de terra. Poucas e fracas eram as luzes da cidade. No sítio usavam-se lamparinas. Pouquíssimos eram os carros e o barulho era quase nulo, exceto em dias de jogos de futebol, quermesses nas igrejas ou quando a Banda de Música da "Corporação Pirangiense 7 de Março", apelidada de "A Furiosa" ou "Banda do Marconato", se apresentava nos coretos com suas retretas.

Nas noites de total escuridão, longe das luzes ofuscantes das grandes cidades, sem lua e sem nebulosidade, quando não se via nenhum clarão, destacavam-se na imensidão do firmamento as lindas estrelas a brilharem intensamente. Estrelas que daqui deste mundo e no espaço profundo podiam, a olho nu, serem vistas ao léu esparramadas na imensidão do céu, piscando como se tivessem vida e quisessem se comunicar.

Os grandes estímulos em relação à natureza, naqueles tempos, além da solidariedade e da hospitalidade das pessoas, eram admirar o céu numa noite estrelada ou de lua cheia, os astros mais brilhantes, o amanhecer, o cantar e o revoar da passarada, o por do sol e um eclipse lunar ou solar.

Quando, do deslocamento de um meteoro, um cometa ou estrela, o que era comum, não podíamos apontar o dedo, para evitar o nascimento de verrugas nas suas pontas. Era o que nos ensinavam os supersticiosos.

As estrelas produziam vários efeitos através de sonhos dourados. Encantavam os apai-

ALBERTO GABRIEL BIANCHI



PIRANGI, UMA ESTRELA ÁUREA

xonados, os poetas, compositores e até o caboclo que na sua simplicidade sentia bater forte seu coração, por causa da sua cabocla, que quando silenciosa, ficava meditando sentada no quintal, admirando a quietude do lugar e contemplando a imensidão do céu estrelado nas noites sem luar. Para ele e para ela tudo era mistério e levavam a sério todos os sentimentos.

Eram tantas e tão lindas as estrelinhas... Difíceis de serem definidas ou nominadas.

Povoavam minha mente dias e noites e, certa vez, resol-

vi nominá-las.

Nossos pais e professores nos ensinaram o nome de algumas ou de grupos estelares muito conhecidos, como o Cruzeiro do Sul, as Três Marias (Mintaka, Alnilan e Alnitaka) facilmente identificáveis pelo brilho e por estarem alinhadas, Plêiades (também conhecidas como Sete Irmãs), Sirius ou Sírio, Cão Maior (a estrela mais brilhante no céu noturno), etc. Falavam, ainda, dos planetas Vênus, Marte, Saturno, Júpiter e Mercúrio.

Coloquei em cada uma o nome de um pirangiense daqueles tempos. Foram tantos, que pelo perpassar dos anos não me recordo mais de alguns, com precisão. Na realidade foram todos, que eu conhecia naquela época e que eram fochos luminosos da nossa cidade.

Dois nomes colocados por mim, que não esqueço de forma alguma: a estrela "Natal Azul" e "Pirangi". Estrelas chamadas, também, de esperança. Duas estrelas que marcaram e nortearam toda minha vida, uma pela beleza transcendental e a outra, pelo amor platônico.

Nomes dos quais, muitos ainda reaparecem irradiando e direcionando infinitos e lindos desejos ainda pulsantes no meu coração. O grande alívio da minha vida é vivificador e ordeiro, cansado e eterno.

"Natal, um dia Azul", não sei, com precisão, o que me levou a criar essa imagem. Vários foram os fatores, que um dia ainda haverei de escrever. Tenho certeza que foi fruto da minha imaginação e de pesso-



as que inspiraram minha mente. Um dos fatores foi o fato de uma família ter me proporcionado, pela primeira vez um dia de Natal com a chamada ceia e presentes, o que nem sabia que existia e que era possível de maneira humilde, bonita e respeitosa até mesmo com um menino da roça que não sabia sequer o que eram talheres e como se comportar a mesa na hora das refeições. Foi uma imagem muito forte e que com doces lembranças passei a denominar o dia de Natal como um “Dia Azul”. Durante o ano inteiro ficava ansioso esperando a chegada do Natal, para ver e sentir de novo o “Dia Azul”, o dia de Natal. E esse símbolo sublime ficou gravado e eternizado na minha mente até hoje. O Natal é e será para mim, sempre um Dia Azul, daí ter dado este nome a uma bela estrela.

Quando morava na roça, eu sentava na mureta do terreiro de café durante a noite e ficava admirando as estrelinhas, horas e horas.

Quando o astro da noite, a lua, às vezes ficava comigo sozinho rebrilhando a silhueta das árvores e da casa isolada no meio do sertão, meu cora-

ção pensava no amor das pessoas simples de Pirangi. Via a luz do luar, refletir nas asas dos pássaros de hábitos noturnos que voavam livremente ao redor da nossa aconchegante morada. Próximo da lua existia uma estrela diferente, parecia mais brilhante, mais luminosa e provocante. Era uma estrela de primeira grandeza. Resolvi, então, que aquela estrela seria por mim chamada “Pirangi”. Apelidei-a de “estrela áurea”, estrela dos meus sonhos dourados, a mais bonita de todas e aquela que iluminaria toda a minha existência. Queria tanto Aquela que me fez sonhar inúmeras noites com um mundo melhor para todos os seres esparsos pelo Universo. alcançá-la, não foi possível, porém consegui durante muitos anos sonhar em estudar e conhecer as coisas lindas da vida, como o espaço sideral, a natureza presente ao meu redor naquele sertão, queria conhecer os mistérios do mundo. Lutei, estudei e hoje de maneira inacreditável, pertenco com o maior orgulho do mundo a três Academias de Letras: Academia Rio-pretense de Letras e Cultura; Academia Rio-Pretense Maçônica de Letras e Academia Internacional

de Letras de Lisboa, pelas quais tenho o mais profundo respeito pela grande oportunidade que me deram, não pela minha capacidade. Talvez pela minha idade, pelo meu esforço e meus cabelos brancos.

É uma estrela que sempre clareou o percurso de todos, desejando paz, amor e harmonia.

Irradia simpatia em todos os corações.

Dentre milhões de outras estrelas, de todas as cores no universo, “Pirangi” se destaca para iluminar nossos caminhos e acalmar nossos corações.

Pelo poder divino e mãos do destino pude viver aqueles dias e anos que jamais serão esquecidos.

Toda vez que olho para o céu, em noite de lua cheia, lembro-me de Pirangi, a “estrela áurea” e daqueles tempos de delicias e de prazeres luminosos, refletidos pela aura que do meu ser desprende.

É só ter vontade, lutar, ser humilde e perseguir, que tudo é possível até, conquistar as estrelas.



O Crime do Restaurante Piselli

Antônio Paixão

Formei-me em Direito muitos anos atrás, mas nunca exerci a advocacia, premido que fui pelos empenhos dos negócios de família. Vendida a fábrica, hoje sou poeta, com o que por sinal não concorda minha mulher. Tenho o hábito de frequentar o Restaurante Piselli, fundado pelo talentoso Juscelino Pereira, um templo da melhor gastronomia italiana.

O restaurante é prestigiado por muitos empresários, mas também por alguns dos principais advogados brasileiros, todos amantes da boa cozinha, dentre os quais o Dr. Durval de Noronha

Goyos. Duas semanas atrás estava eu num almoço de negócios, quando o Dr. Noronha veio a ocupar a mesa ao lado, com elegante companhia, e pude presenciar uma cena inusitada após ser servido o primeiro prato.

Com o ar de profunda gravidade, aproximaram-se da mesa ocupada pelo Dr. Noronha o Juscelino Pereira e o chefe de cozinha, Paulo. Preocupou-me a circunstância, porque o Juscelino é sempre alegre ao cumprimentar os clientes habituais em suas mesas, mas naquele dia o seu semblante era funéreo.

— “Dr. Noronha”, disse o Juscelino, “raptaram a Sabrina Sato!”

Como é sabido, o Piselli é um restaurante cujo fundador é um corintiano sério e dedicado que, além de pintar o toldo da entrada com uma combinação de preto e branco de dar inveja à Maison Chanel, tem 42 funcionários alvinegros dum total de 44.

Assim, um atentado à musa, madrinha e inspiradora da nobre e venerável sociedade Gaviões da Fiel adquire no local, como era de se esperar, uma dimensão ainda maior do que a natural.

— “Como, Juscelino, e quando ocorreu essa tragédia?”, disse o Dr. Noronha visivelmente alarmado.

— “Foi aqui mesmo, no Piselli”, apressou-se em responder o Paulo, quase às lágrimas. “Foi hoje”.

— “Hoje?”, disse o Dr. Noronha. “Mas eu não a vi aqui e posso lhes assegurar que não perderia a ocasião histórica em hipótese alguma”.

— “Bem,” respondeu o Paulo, “não foi um rapto físico da pessoa, mas um rapto da fotografia (sic)”.

— “Entendi”, disse o Dr. Noronha, “foi um suspeito furto de uma foto da Sabina Sato. Trata-se de situação menos grave e de um grande alívio. E que foto é essa?”

— “É a foto que saiu na página 3 do Caderno 2 do Estadão, o qual assinamos aqui no Piselli”, explicou o Juscelino. “Mas se trata de situação da maior seriedade e que tem repercussões para além da esfera criminal, pois deixa o meu corpo de funcionários profundamente desmotivado. É uma questão de direitos humanos! Não sei nem menos se será servido o almoço hoje.”

— “De fato, o sucedido é deprimente. Sugiro que V. mande comprar um exemplar do Estadão para cada funcionário, com a recomendação de que seja lido e reverenciado com gosto na privacidade da residência de cada um, após o turno de trabalho”, emendou o Dr. Noronha.

— “Já tentamos, mas encontra-se totalmente esgotada a edição. A foto era de um extraordinário valor artístico e de escultural valor estético. Um monumento.”, esclareceu o Juscelino.

— “Nós os membros da Na-

ção Corintiana, da qual o Senhor faz parte, Dr. Noronha, exigimos Justiça”, postulou o Chefe Paulo. “Queremos uma comissão de inquérito sobre o rapto da Sabrina (sic) e a punição exemplar dos responsáveis. Os funcionários do Piselli o elegeram para chefiar os trabalhos.”

— “Mas eu sou advogado internacionalista,” disse o Dr. Noronha querendo seguir com seu almoço.

— “Mas é corintiano!”, lembrou o Juscelino, chamando o caudatário ao cumprimento do dever.

— “Ora, Juscelino”, disse o Dr. Noronha, “está lá na mesa do canto, cochichando, o Dr. A.C. Mariz de Oliveira, grande criminalista brasileiro, que poderá conduzir a questão com maestria”.

— “É verdade, mas falta-lhe a credibilidade para o sacrossanto. É são-paulino! Que tristeza...”, retrucou o restaurateur.

— “Pois bem,” resignou-se finalmente o Dr. Noronha. “Paulo, verifique nos banheiros feminino e masculino. No primeiro, se a página do jornal não se encontra rasgada, destruída ou de outra forma aviltada, no lixo. A Débora, confiável recepcionista corintiana, poderá olhar. No masculino, veja se a foto da musa não está pregada atrás da porta e de frente para o vaso sanitário.”

Providências tomadas, retornou ao salão o Paulo, com expressão de profundo desapontamento. — “Negativo, Dr. Noronha”.

— “Então”, disse o Dr. Noronha, “tragam-me aqui a funcionária Joyce com a sua mochila”. Pouco depois, chegou a recepcionista Joyce, que tem o rosto de modelo

de Modigliani, toda constrangida, portanto a sua infame mochila cor de rosa com babadinhos.

— “Joyce”, disse-lhe o Dr. Noronha, “diante dos relatos de fato da maior gravidade ocorrido nesse restaurante e da premência em apurar as responsabilidades, peço-lhe que abra sua mochila imediatamente”.

Com muita humildade, vexada e enrubescida, a Joyce abriu sua mochila para a inspeção de Juscelino, que extraiu exultante a folha do jornal com a foto da Sabrina Sato, para a alegria de muitos dos presentes e de todos os funcionários.

— “Dr. Noronha,” disse o Juscelino com seu largo sorriso restabelecido ao vigor e simpatia original, “como foi que o Senhor adivinhou?”

— “Elementar, meu caro Juscelino, a Joyce é a única funcionária são-paulina presente no dia de hoje.” “Como ela praticou um ato da maior seriedade”, sentenciou o Dr. Noronha, “e faltou ao respeito para com a Nação Corintiana e funcionários do Piselli, ela está condenada a convidar a Sabrina Sato para um almoço nesta casa e, para a ocasião, a Joyce vestirá a gloriosa camisa dos Gaviões da Fiel. Custas por conta do Juscelino”.

— “E não se esqueçam de me chamar para a ocasião”, finalizou o Dr. Noronha antes de atacar o seu *stinco d’agnello*.



PISCHÈLLO NNAMMURATO

Beppe Molisano

**Son tutti brutti,
che horrore!
Puzzano, che fettoe!
Son quelli che fanno la fila
pè i favori di mio dolce amore.**

**Lei è bella, generosa,
elegante e graziosa.
Alle volte se presenta
anche virtuosa.**

**Son tutti brutti,
che horrore!
Puzzano, che fettoe!
Son quelli che fanno la fila
pè i favori di mio dolce amore.**

**Guaglione, fa la sfilatta,
per la strada della Suburra.
Sorride all' a folla, inalzata e armonica.
La gente sussurra. Che adorazione!
Schifosi guardoni!**

**Son tutti brutti,
che horrore!
Puzzano, che fettoe!
Son quelli che fanno la fila
Pè i favori di mio dolce amore.**

Breve História da Academia

Antonio Florido

A Academia Rio-pretense de Letras e Cultura sempre foi um dos nossos principais desejos. Em 30 de junho de 2008, tivemos a feliz idéia de publicar um artigo veiculado pelo Diário da Região, onde mencionamos que nossa cidade era grande e estava em constante progresso, possuindo uma extensa rede de supermercados, lojas comerciais, bancos, um relativo e variado parque industrial, um dos mais destacados centros de medicina do País, teatros, importantes shoppings, além de diversas escolas, em especial as de ensino superior, as quais lhes proporcionam um grande universo estudantil (discentes e docentes), uma densidade demográfica entorno de 420 mil habitantes, que formam uma sociedade composta de todos os níveis econômicos e intelectuais e ainda assim, faltava-lhe uma instituição, imprescindível para sua complementação metropolitana, seria a tão sonhada Academia Rio-pretense de Letras, tendo como finalidade

precípua imortalizar seus membros e seus escritores, isto porque, ao rememorarmos a história de Rio Preto, encontramos referências a muitos escritores conterrâneos que tiveram suas obras literárias esquecidas, esvaecidas pela névoa do tempo, isso porque não existia uma instituição específica e adequada para imortalizar esses escritores e suas respectivas obras literárias. Lembremo-nos dos versos: “não podemos criar um jardim sem flores, nenhuma academia de letras sem escritores”.

Presumimos que, quando São José do Rio Preto possuísse sua Academia de Letras, então teríamos escritores rio-pretenses imortalizados com respecti-

vos dossiês de suas vidas e obras literárias devidamente registradas, arquivadas e disponibilizadas por uma entidade criada especificamente, para este fim.

Este projeto tornou-se realidade pelos esforços e a união dos escritores rio-pretenses que deram início a implantação dessa academia que São José do Rio Preto há muito templo reclamava.

Considerando que no dia 31 de julho de 2008, um grupo de intelectuais, do qual tive a honra de participar, reuniu-se no interior do Riopreto Shopping Center, com o objetivo de fundar a tão sonhada Academia. Após os debates preliminares, todos em-

polgados, decidiram pelo agendamento de uma Assembléia a realizar-se no dia 7 de agosto de 2008, no mesmo lugar.

Com a participação de escritores e pessoas ligadas à cultura, a



*Diploma concedido ao Instituto Histórico de Rio Preto
pela republicação do Álbum de Rio Preto, de 1918/1919*



Jantar realizado no Restaurante Grand Père, no Quality Hotel Saint Paul, na noite de 14 de fevereiro de 2010, reúne 26 imortais rio-pretenses, para confraternização. Na foto, o primeiro presidente, Antonio Carlos Del Nero, e a atual presidente, Rosalie Gallo (de pé). A foto é de Jorge Maluf Filho

Assembleia foi realizada, oportunidade em que foi proposta, votada, aprovada e institucionalizada a Academia Rio-pretense de Letras e Cultura e eleita a primeira Diretoria, a qual ficou assim composta:

Presidente: Antonio Carlos Del Nero; primeiro vice-presidente: Paulo Coelho Saraiva; segundo vice-presidente: Jaime Signorini; terceiro vice-presidente: Antonio Florido; primeiro secretário: Cecília Demian; segundo secretário: Alberto Gabriel Bianchi; primeiro tesoureiro: João Roberto Saes; segundo tesoureiro: Agostinho Brandi; diretor de Relações Públicas: Waldner Lui e diretor de Patrimônio: Jaime Amaral e Silva.

Foi um momento de muita euforia, de contentamento e, nesse instante propusemos o

uso do provérbio latino, “Verba Volante, Scripta Manent” (as palavras voam, mas permanecem quando escritas) — como lema para caracterizar o ideário da Academia; foi aprovado por unanimidade.

O organograma estrutural da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura compõem-se de 45 cadeiras, sendo 25 na área de letras, das quais 20 encontram-se preenchidas; a área da cultura conta com 15 cadeiras, das quais 14 estão preenchidas, além de cinco cadeiras a serem preenchidas por Acadêmicos Eméritos.

No decurso desses oito anos, a Academia, além de consolidar-se como entidade jurídica, estabeleceu sua sede, a qual está localizada à Rua Saldanha Maranhão, 3177, Centro, em prédio cedido pela Prefeitura Municipal,

patrocinado pela Secretaria Municipal da Cultura. Proporcionou vários eventos em prol da sociedade rio-pretense tais como:

- Instituição dos prêmios Dinorath do Vale e José Antonio da Silva;

- Seminário “Encontro da Cultura”, ministrado pelos Acadêmicos, que contou com palestras que abordaram diversos temas tais como: “Reflexões sobre Cultura”, Romildo Sant’Anna; “Em nome do DNA”, Paulo César Naoum; “Cidadania e Anarquia”, Salvatore D’Onofrio; “Crenças e Crençices sobre cobra e Lagartos”, Luiz Dino Vizotto; “Os Bárbaros Submetidos” - Crônica Jornalística - Antonio Manoel dos Santos Silva; “Medicina e Fé”, Domingo Marcolino Braille; “Imigração Italiana e sua Influência na Cultura Brasileira”, Ro-



salie Gallo y Sanches; "Ser o que Sou: Isto é possível?", Wilson Daher; "A Importância da Fotografia para a História de Rio Preto", Nilce Aparecida Lodi Rizzini; "A obra prima de Guimarães Rosa", Hygia Therezinha Calmon Ferreira; "Os Livros da História de Rio Preto", Lelé Arantes; "Rui Barbosa: Política e Pensamento", Wilson Romano Calil.

O sucesso do primeiro levou à realização do segundo seminário: "O Misticismo Barroco em El Creco", Romildo Sant'Anna; "A Arte, a Religião e a Ciência para uma EPERIT. HUMANA", Salvatore D'Onofrio; "Machado de Assis Freudiano ou Freud Machadiano?", Wilson Daher; "A Dimensão Humanística da Medicina", Wilson Romano Calil; "Água, Vida e Morte", Samir Felício Barcha; "Civilização Egípcia", Alberto Gabriel Bianchi; "A Voz Poética dos Afros descendentes Brasileiros", Antonio Manoel dos Santos Silva; "A Gênese da Medicina Rio-Pre tense e sua Evolução até os anos 1920", Agostinho Brandi; "A Opera, seu Histórico e

Desenvolvimento: Cavalaria Rusticana", Lygia Leal; "Dom Quixote: Um Sábio Louco ou um Louco Sábio?", Romildo Sant'Anna; "A Maçonaria e a Sociedade", Alberto Gabriel Bianchi; "História da Basílica Menor Nossa Senhora da Conceição Aparecida", Nilce Lodi; "O Pai Nosso: Uma Visão não Ortodoxa", José Luiz Balthazar Jacob; "O Uso da Água Subterrânea: Benefícios e Inconveniências", Samir Felício Barcha. Todos os seminários foram realizados nas dependências do Rio Preto Automóvel Clube.

- Reedição do Livro "Pé no Chão", de autoria do Professor Dario de Jesus e, publicado em 1926. Trata-se da primeira obra de ficção editada em Rio Preto.

- Participação no evento "Jornada de Mulheres Escritoras", a convite de Isabel Ortega.

- Outorga do Título de Membro Honorário da Academia, ao Professor Dr. Fábio Lucas, Membro da Academia Brasileira de Letras;

- Curso sobre "A História da

Antonio Florido, fundador da Academia, e Antonio Caprio, presidente do Instituto Histórico. Foto de Jorge Maluf Filho

Arte", ministrado pelo Professor Romildo Sant'Anna;

- Participação da Semana do Livro; participação na "Feira do Livro"; criação do Anuário da Academia.

No dia 28 de outubro de 2016, na sede da Fundação Dirceu Gonçalves Resende, foi convocada Assembléia Geral, para eleger a nova diretoria para o triênio 2017/2019 a qual ficou assim constituída: presidente, Rosalie Gallo y Sanches; primeiro vice-presidente, José Luiz Balthazar Jacob; segundo vice-presidente, Wilson Daher; primeiro secretário, Alberto Gabriel Bianchi; segundo secretário, Maria Helena Coelho Curti; primeiro tesoureiro Jaime Signorini; segundo secretário, Waldner Lui; diretor Cultural, Araguaí Silveira Garcia; diretor de Relações Públicas, Cecília Demian; e diretor de Patrimônio, Lelé Arantes.

O Conselho Fiscal foi formado por Durval de Noronha Goyos Junior, Nilce Lodi e Antonio Florido; tendo como suplentes Jocelino Soares e Vera Márcia Paráboli Silva Vidigal Milanesi

Este é um resumo das atividades do que a nossa Academia vêm desenvolvendo em prol da sociedade, porém, este silogeu rio-pretense pretende intensificar suas atividades no universo intelectual, cultural e artístico, para tanto, temos certeza e desejamos todo o sucesso para o engrandecimento da Academia onde todos seremos os maiores beneficiados.

POEMAS

Rosalie Gallo y Sanches

Pôr de sol em Montevideo

Observo as pessoas
sob a luz do pôr do sol.

Elas não sabem,
como eu,
que a melancolia sentida
não vem com a queda do sol
mas pelo que ele representa:
o fim de um dia.

Não dele.

De cada um.

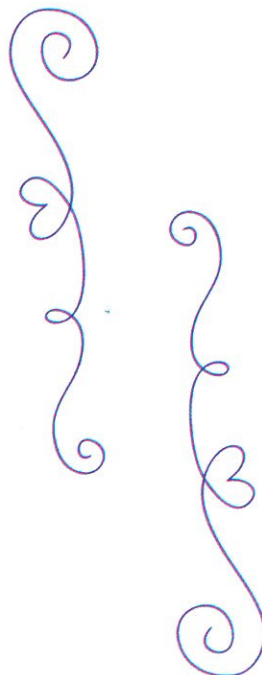
(07.01.1983)



Nov(a)idade

Na solidão da noite
entristece-me a saudade do não vivido
e me alegra o presente
ao perceber,
na janela entreaberta,
a claridade da manhã.

Cheiro na parede lisa
e no muro novo
a nov(a)idade de uma nova casa,
lembranças de avós de há muito mortos.
Comemoro então as raízes
e planto flores para o futuro
desenhado com as cores da aurora bebê.



Junhos de maio

Teimosamente
as flores de maio
me chegam em junho.
Sempre fora do tempo
do prazo
do esperado
tempo de desistência.
Imitam-me.
Fora do que há
vou vivendo
antes ou depois
jamais agora.

(SJRio Preto, 17.06.2013)

À noite os sonhos são pardos

À noite os sonhos são pardos.
As formas, perdendo contornos,
deixam a alma contorcida de dor
e a esperança luta para não morrer,
afogada no pranto silencioso e solitário.

À noite os sonhos são duros.
O leito perde as proporções
e se agiganta
e se resfria
trazendo doenças
que só se curam com outra presença.

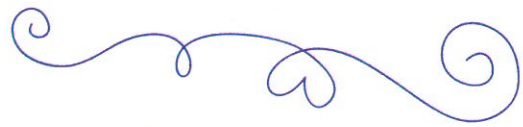
À noite os sonhos emigram.
Partem em busca da vida
e se encontram no sono,
neste sono obrigatório que tira a paz,
neste treino para a morte.



Ácida a chuva

Ácida a chuva que cai fora de hora
e não lava minh'alma.
Corrosiva de pecado,
invade as entranhas
e marca a fogo
qual gado roubado,
sinal sobre sinal.
Ácida a chuva que cai fora de lugar
e não limpa o desejo,
este desejo que me corrói
e me mantém perto demais do fogo
que arde,
consome,
e inunda
a imunda alma.

(SJRP, 15.12.2012)



Espaço

Sobra muito espaço
perto de quem enviuvou:
a morte faz encolher o sobrevivente
e o frio imobiliza o ser abandonado.

Também assim age a solidão.
Faz encolher,
imobiliza,
quase mata.

E na sobra do espaço
sobra a dor,
invisível e presente,
intolerável e pesante,
cantando um réquiem em allegro
para quem não conseguiu morrer.

A cor da dor

Desgarra o coral bruto
dos ensanguentados rochedos da alma
e empresta cor ao melancólico infinito.

No ocaso do dia
o perdido olhar se deleita
se derrama
se expande no alto
em sonhos e esperanças
sem se dar conta
que passos pisam
e machucam.

Qual centauro vencido
o homem solitário
se extasia vendo o céu
sem perceber os antigos cascos
transformados em pés.

Lygia Fernandes

Antes que o sol caia, muitas vezes me negará.
Não me verá em espelho algum; nem eu a ti.
Abraço tua imagem distorcida e lamento e clamo.
Clamo com meus braços erguidos e vestes rasgadas,
Ralho com meu coração timorato e cruel a
Inflar no íntimo esse fogo morto sob as cinzas geladas.
Safo-me de seus olhos penetrantes e perscrutadores:
Tamborilo os dedos como quem nada vê nem sente,
Imerso num mar tempestuoso de saudades floríferas.
Nesta manhã de sol, neste dia que se esvai como fina névoa,
Atrevo-me mais uma vez gritar seu nome e desejar você.
Valho-me de meus devaneios para clamar à Lua que
Antes do sol cair e tornar a subir dê um fim à minha
Nada benfazeja vida cuja seiva escorre sutil e veloz na
Insone noite de minha derradeira hora.

Há dias penso em ligar.
Pego o telefone, disco os
primeiros números e volto atrás.
Não há mais porque ligar.
Há apenas esse imenso vazio,
essa sensação de raiz sem árvore,
de sombra sem corpo, de sangue
sem veias.

Algo se esparrama no infinito
dos meus olhos e nada me resta de
consolo e alegria.

O corpo geme, padece, apodrece
com a mesma célere velocidade dos
sonhos perdidos.

Não há mais porque chorar, nem
do que se lamentar.

Apenas um vácuo, um sem
sentido, um abismo entre eu e eu.

Entre mim e minha alma.

Apenas isso.

*Quase tudo o que fizemos foi
bom – embora em vão.
Mas, o que é a vida senão
tentativas?
Adiante.*

SEM RISO

Rio.

**Porque me sobrou apenas isso.
Esse riso que não é riso,
É apenas um esgar,
Um movimento labial,
Ricto infecto a destilar tristeza.
Tristeza e dor.
Dor e tristeza.
Atormentação hodierna
De um coração que petrifica
Inerte no fundo do meu peito.
Olhos secos e vagos
Rolam embaçados nas órbitas do meu
rosto.
Há muito, bruxuleia em mim a chama
da vida
Tornando enfraquecido o meu andar.
Minha alma, prostrada aguarda,
Sôfrega e súplice,
A derradeira despedida.**

*Andei perdido por uns tempos, ausente de mim.
Naveguei por mares conhecidos e desconhecidos e
Anotei plantas, insetos, répteis e pedras.
Considero tudo aprendizado aprisionado, inútil.
Rastejantes foram meus pensamentos pródigos e
Indóceis como as ondas nas pedras de Páscoa!
Saberei amanhã, se tudo valeu a pena e a dor.
Tenho cá comigo os remoinhos da futilidade.
Inelutáveis foram meus dias e noites de insônia.*

DOMINGO MARCOLINO BRAILE

Crônicas

O FAROL

As memórias são parte de nossa própria vida e acabam por constituir a essência do ser que somos. Dia desses, algumas delas me vieram à mente quando estava parado, em pé, ao lado do farol rotativo que emite seus sinais em forma de facho de luz para a imensidão do espaço, a partir do aeroporto de Rio Preto. Cadenciadamente, a cada cinco segundos, um feixe de luz amarela e, em seguida, um de luz verde corta os céus, com uma mensagem constante e monótona. Parece a cada instante dizer: aqui existe um aeroporto, há uma pista de pouso, com equipamentos e gente zelando pela segurança das aeronaves e das pessoas que estão dentro delas.

Talvez o farol esteja dizendo que, como a Estrela do Oriente que guiou os Reis Magos em sua viagem até o pequenino Jesus, assim ele também é um guia para tantos viajantes dos ares! Nestes devaneios, lembrei-me de uma noite muito escura, noite de Natal, cuja névoa dos anos a deixam no limbo da minha memória. O fato ocorreu numa época em que, na aviação, não existiam os sofisticados equipamentos que hoje nos auxiliam a chegar ao destino desejado com segurança. Não dispúnhamos de auxílios de Rádio Navegação e o moderno GPS (Ground Position System), "Sistema de Posicionamento no Solo", que a qualquer

instante nos informa a posição geográfica correta do avião... não havia nem sido sonhado. Esse equipamento com informações de Satélites Artificiais girando em torno da terra, emitem sinais eletrônicos com precisão de milésimos de segundo, utilizando a avançada tecnologia do mundo quântico. Eles permitem ao piloto saber qual a distância que o separa do aeroporto, assim como o informa acerca da velocidade do avião e do vento, além do rumo correto a ser seguido. Fornece também a altura da aeronave em relação ao solo e quanto combustível ainda lhe resta nos tanques. Também a hora exata da chegada é mostrada correta e matematicamente a cada instante, um verdadeiro milagre da engenharia moderna! Àquela época, pensar em usar radares e transponders era impossível, pois, não faziam parte do nosso cotidiano. Sabíamos apenas que existiam, e que podiam "ver" o avião o tempo todo durante o voo, numa tela de computador em um centro de operações, localizado, muitas vezes, a centenas de quilômetros de distância, podendo orientá-lo da melhor forma para levá-lo com segurança ao destino. Tudo isso vem se tornando real em nossos dias, mas lembrar do passado sempre traz sensações interessantes, geralmente impossíveis de serem repetidas, enchendo-nos de nostalgia e saudade.

Naquele tempo, os aviadores dispunham, para orientar-se, apenas de uma tosca bússola, sempre indicando o norte, um cronômetro a marcar os minutos, um altímetro a mostrar a altitude e de um instrumento básico que chamávamos de "pau e bola". Era baseado no efeito giroscópico (em que uma massa em rotação tende a se manter na mesma posição mesmo que o seu suporte, no caso o avião, mude de atitude). Esse instrumento tinha um ponteiro que nos informava se a aeronave estava voando em reta ou em curva. Embaixo dele havia uma bola dentro de um tubo recurvado, que permitia saber se a curva estava sendo correta ou não. Eram apenas esses os elementos com os quais contávamos para realizarmos as nossas grandes aventuras! Com eles tínhamos que nos manter orientados e chegar aos destinos são e salvos.

A memória levou-me de volta àquela noite escura de Natal, na qual as estrelas não podiam ser vistas, porque o céu era negro e a terra desaparecera escondida entre as nuvens, que cobriam como um manto toda a superfície que a visão podia alcançar. Meu coração almejava chegar ao lar, onde encontraria os familiares reunidos em festa, para comemorar o Natal. Porém, sentia-me absolutamente só, eu e a massa de alumínio que me ro-

São José do Rio Preto, Dezembro de 2016 - Edição nº 01

deava. O único ruído era o “ronronar” dos motores a me dizer que ali estavam para me levar a um lugar seguro se eu fosse capaz de manter a altitude e calcular com precisão o rumo e o tempo. O tempo e o rumo do nosso destino, padrões de nossas vidas em todos os instantes da existência. Minha altitude era de três mil metros e, pelo tempo calculado, poderia começar a descer. Deveria estar a vinte minutos do meu destino, podendo baixar até mil metros com segurança, mesmo sem ver o solo! Será que meu rumo e meus cálculos estariam corretos? Se não estivessem, poderia chocar-me em uma elevação inesperada do terreno, algum morro! A sensação imediata é de medo e apreensão, porque o aviador e o avião são estranhos a terra e só se sentem seguros enquanto estão voando. Gostaria de me manter nas alturas até o clarear do dia, mas tenho que continuar descendo,

não existe outra possibilidade, pois o combustível é finito e tenho que chegar a um aeroporto, que infelizmente se encontra na terra e não no ar! Dois mil, mil e quinhentos, mil e cem metros, nada mudou, tudo continua escuro como breu. Estou chegando aos mil metros, não posso descer mais. De repente, toda a angústia, medo e insegurança desaparecem. Cortando os céus escuros, vejo, ao longe, o Farol com seus fachos amarelos e verdes a me apontarem o porto seguro, no qual a terra não será mais minha inimiga, pelo contrário, me acolherá no seu âmago e me abraçará como o bom filho que a casa torna. Lá não estarei mais só, reencontrarei meus familiares e amigos e terei mais uma história para contar! Senti-me privilegiado pelo amor de Deus em minha vida. Pela maravilhosa segurança e providência configurados pelo farol naquela noite de Natal.

Passaram-se muitos anos, mas o Farol continua lá com sua missão anônima de indicar o caminho certo para aqueles que dele necessitam, e nele confiam. Velho Farol com seus fachos brilhantes, quantas saudades, quantas lembranças, quantas alegrias, quantas tristezas. Você não pode ser esquecido. Fico pensando na luz que irradia da cruz de Cristo, que nasceu há 2.000 anos para salvar a humanidade do pecado, e da escuridão das trevas. Creio que Jesus sempre foi e sempre será o Farol de nossas vidas, a única luz, segura e verdadeira, em quem podemos confiar, seja nos bons momentos ou nas horas difíceis e de aflição. Por isso, somos sempre vencedores através de Jesus Cristo, pois, podemos chegar ao final de cada ano, tendo a sua benção e proteção, sabendo que, graças a sua luz, podemos aumentar o nosso acervo de memórias felizes e realizadoras.



VOO NOTURNO

Antoine de Saint-Exupéry em uniforme de aviador



Impossível pensar neste título sem relembrar a obra de Saint-Exupéry, o autor que encantou e continua encantando gerações e gerações com a sua obra magistral “O Pequeno Príncipe”, na qual colocou em evidência, de forma muito especial, os mais profundos e nobres sentimentos dos homens. A quem ainda não teve oportunidade de ler esse pequeno tesouro, recomendo-o, independente da idade ou da tendência política, religiosa ou literária, pois, com certeza, encontrarão a si próprios em algumas das frases ou pensamentos do autor.

Saint-Exupéry escreveu muitos outros livros, entre eles

“Voo Noturno”, que também é de beleza ímpar, por tratar dos fenômenos da natureza e da nossa eventual ação sobre eles, com prefácio assinado pelo escritor francês André Paul Gillaume Gide (premiado com Prêmio Nobel da Literatura em 1947).

Partia eu do Aeroporto de Brasília, quando o sol já havia se posto, e a escuridão cobria com seu manto as paisagens familiares, por mim sobrevoadas tantas vezes nos últimos 40 anos. Porém, aquela noite mostrava-se muito especial. Havia uma cobertura completa de nuvens negras ocupando toda a abóbada celeste, impedindo que o brilho das estrelas ou mesmo o têne-

reflexo da lua pudessem ser vistos, criando uma paisagem fantasmagórica. Lá embaixo, pequenos pontos de luz marcavam casas da zona rural, isoladas do mundo atribulado das cidades. Uma atmosfera como essa se torna toda propícia à introspecção e à análise da nossa existência como seres humanos, que teimam em modificar, sem medir as consequências, as leis regentes do Universo. Um momento como esse leva à reflexão sobre a necessidade urgente de sermos mais benevolentes com a natureza e todo o bem que dela emana. Mais ao longe, surge uma pequena cidade toda iluminada, querendo disputar seu brilho com o das constelações galácticas escondidas pelas nuvens naquele instante. Logo adiante aparecem cidades maiores, mais orgulhosas do seu esplendor, ligadas a outras por longos cordões dourados, criados pelas luzes dos veículos que transitam pelas estradas a uni-las. Parecia que naquela noite o céu havia chegado a terra, pois, planetas, estrelas e galáxias apresentavam-se abaixo de nós, e não no infinito do universo que não podemos “ver”, senão com a nossa imaginação.

Impossível não recordar as descrições de Saint-Exupéry, “a noite que inquieta”, “a grande noite que os envolve”..., comparando cada cidade com os lugares especiais por ele descritos. Ali está um pequeno aglomerado de casas. O que estarão fazendo agora os seus habitantes? Como vivem? Com o que sonham? Al-

guns estarão voltando da estafante lide diária, reencontrando sua família, abraçando seus filhos, preparando-se para o jantar e talvez para um pouco de lazer antes do reconfortante sono que os espera. Outros, pelo contrário, estarão saindo para o trabalho na calada da noite, simplesmente porque é esse o seu destino. Será que todos foram contemplados por esta vida que chamamos de ideal? Será que todas as pessoas que voltam cansadas, depois de trabalhar um dia inteiro, têm um jantar para saciar-lhes a fome, uma família para recebê-los e uma cama para dormir? Terão paz e harmonia em seus lares? Seus amigos lhes serão fieis? Seus anseios continuam vivos e o coração esperançoso? Será que todos aqueles que estão saindo à noite irão trabalhar? Talvez não, pois, se não tiverem um trabalho honrado, poderão ter se transformado em ladrões ou assassinos, a mostrar a imperfeição deste planeta, que a todo instante teima em querer rivalizar-se com o paraíso perdido. Vivemos num mundo imperfeito, habitado por criaturas imperfeitas. Num mundo criado por Deus com amor e perfeição. O mesmo Deus que distribui potencialidades, inteligência, criatividade e infinitos dons de forma absolutamente aleatória a todas as criaturas.

Porém, a sociedade não consegue ser justa, colocando uns em situação privilegiada e condenando outros à extrema penúria e sofrimento. Estes infelizes, forçados pelas circunstâncias e nada mais tendo a perder, não se importam mais com sua alma ou com seu destino. Perpetua-se, assim, o desequilíbrio

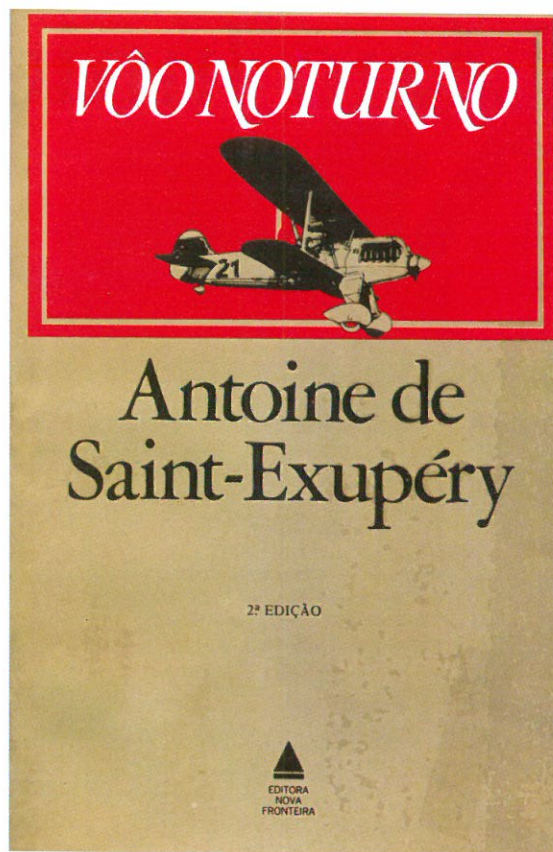
social que não foi criado por eles, mas pela sociedade injusta em que vivem. Por que temos tanta desigualdade? Por que tanta dor? Injustiça e guerras? Como seria fantástico poder ficar pairando nos ares, acima das mazelas humanas – vaidade, inveja, violência, miséria, corrupção – e da força dos poderosos que pensam que tudo podem!

O tempo passa célere e, apesar dos devaneios que me levaram para bem longe deste “vale de lágrimas”, sou, de repente, trazido de volta à realidade pelo chamado insistente do Centro de Controle de Tráfego Aéreo de Brasília, ao avisar-me que é hora de iniciar a descida, pois, me encontro a apenas 50 quilômetros de Rio Preto. Dirijo meu olhar para frente: lá está, esplendorosa, a nossa cidade, que vista de longe e do alto, parece uma estrela de brilho invulgar a me atrair, como são atraídas as libélulas pelos focos de luz. Tudo inspira felicidade e paz neste pedaço de Universo encravado na Terra: a minha cidade! Estarei eu apenas imaginando uma situação ideal? Acredito que sim, pois sei que existem muitos problemas a serem resolvidos no local em que vivo com minha família, meus amigos; na cidade em que também viveram meus antepassados e os desconhecidos, que reverencio e respeito. Mas será que estaremos eternamente condenados à imperfeição? Tenho certeza que não!

A sociedade e a comunida-

de rio-pretenses são valorosas, de caráter ímpar, preciosas no serviço e na vontade sincera e honesta de fazer a cidade crescer e se fortalecer. Um lugar onde posamos criar nossos filhos e saber que as gerações vindouras serão acolhidas e felizes. Uma cidade extremamente bela, exuberante. Que sabe como bem acolher e que tem olhos aguçados para um futuro promissor, organizado e digno. Concluo que talvez o sonho de uma cidade justa possa se tornar realidade. “Na vida, não há soluções. Há forças em movimento: é preciso criá-las. E as soluções virão”. (Exupéry, 1931).

Volto para casa, a jornada de hoje cumprida. Como escreveu André Gide, “a felicidade do homem não se encontra na liberdade, mas sim na aceitação de um dever”. Amanhã começará outro dia que, certamente, será melhor que o anterior, para quem tem esperança! (DMB)

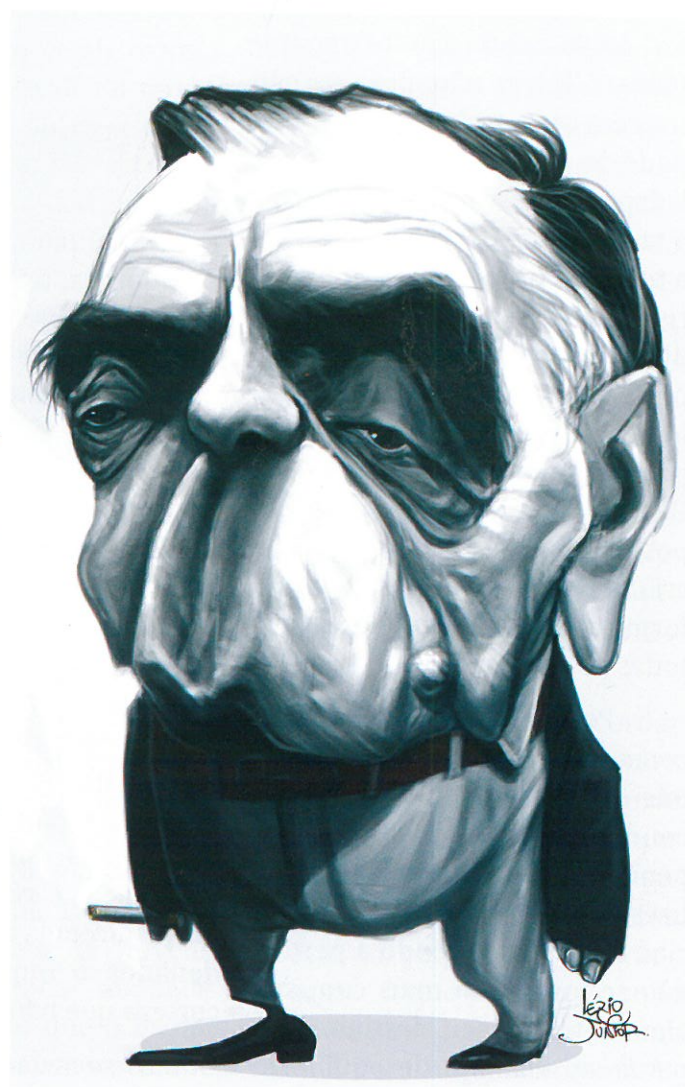


Lézio Júnior & Sua Arte

**Mario Vargas Llosa, escritor
peruano, ganhador do Prêmio
Nobel de Literatura, de 2010**



**Nelson Rodrigues, um dos
maiores escritores brasileiros
de todos os tempos**



Mick Jagger, vocalista de The Rolling Stones



Salman Rushdie, ensaísta britânico nascido na Índia, autor do livro "Versos Satânicos"

**Donald Trump, presidente
eleito dos Estados Unidos,
aqui caricaturizado como o
“Coringa”, de Batman**



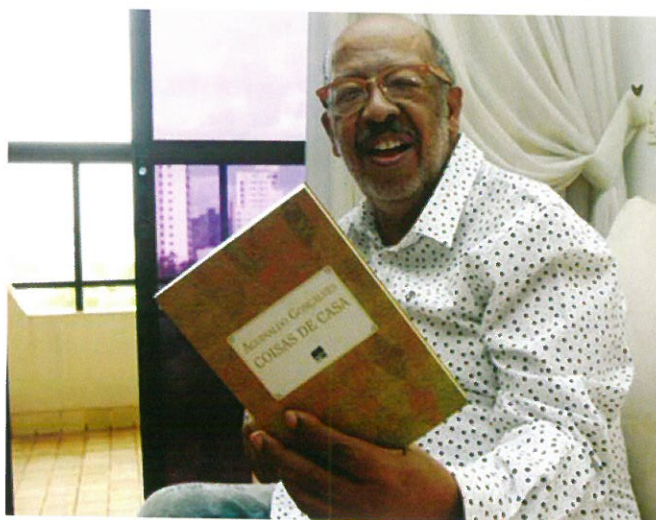
**Millôr Fernandes, um dos
maiores intelectuais brasileiros**

Pílulas Noticiosas

Aguinaldo lança dois livros no MAP

Aguinaldo Gonçalves, professor, ensaísta, poeta, escritor e membro da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura lançou no dia 1 de dezembro, às 19h30, no Museu de Arte Primitivista José Antonio da Silva, na rua Voluntários de São Paulo, 3.491, mais duas obras de sua lavra: “Coisas de Casa (de Peles e de Escamas)” e “Ozumanoides”, ambos com o selo da Nankin Editorial.

Em entrevista à jornalista Francine Moreno, do Diário da Região, o escritor disse que o livro o livro “Coisas de Casa (de Peles e de Escamas)” contem 21 contos que abordam “aborda sentimentos que são inerentes a qualquer ser humano, como inveja, ciúme, soberba, orgulho e amor doído.”



Aguinaldo e seu novo livro. Foto extraída do site do Diário da Região

Academia muda a sigla



A logomarca maior é a nova sigla da academia; a sigla antiga, em cima, não vale mais

Proposta por vários acadêmicos, foi votada e aprovada, na primeira reunião da nova diretoria, a mudança na sigla da Academia Rio-pretense de Letras e Cultura, deixando de ser ARLC e passando para ARLEC, de forma a ganhar sonoridade na sua abreviação.

A logomarca continua sendo a mesma, sofrendo alteração

apenas no acréscimo da vogal E, feita gratuitamente pelo designer gráfico Moisés Jr. O acadêmico e membro da diretoria, Alberto Gabriel Bianchi, um dos proponentes da alteração, disse que “agora podemos usar a sigla da academia como se fosse uma palavra composta, o que vai melhorar bastante nossa comunicação com a coletividade”.

Acadêmicos lançam livros em novembro

O professor e lexicógrafo Alfredo Leme Coelho de Carvalho promoveu no dia 19 de novembro, o lançamento do livro “A Fascinante Ficção de Lygia Fagundes Telles - Seis Estudos Críticos”, na sede da Fundação Dirceu Gonçalves Resende, no Jardim Europa. Leme de Carvalho ocupa a cadeira nº 2 da ALERC.

Outro acadêmico, o tesoureiro da ALERC, Jayme Signorini, lançou no dia 25 de novembro, o livro “Belfort Acima da Lei”. O lançamento aconteceu no Instituto Bizet, em Rio Preto. A obra reúne contos policiais que foram publicados entre 1995 e 1996 no extinto jornal A Notícia. Cada um deles trata de uma investigação diferente.

ANTONIO CAPRIO

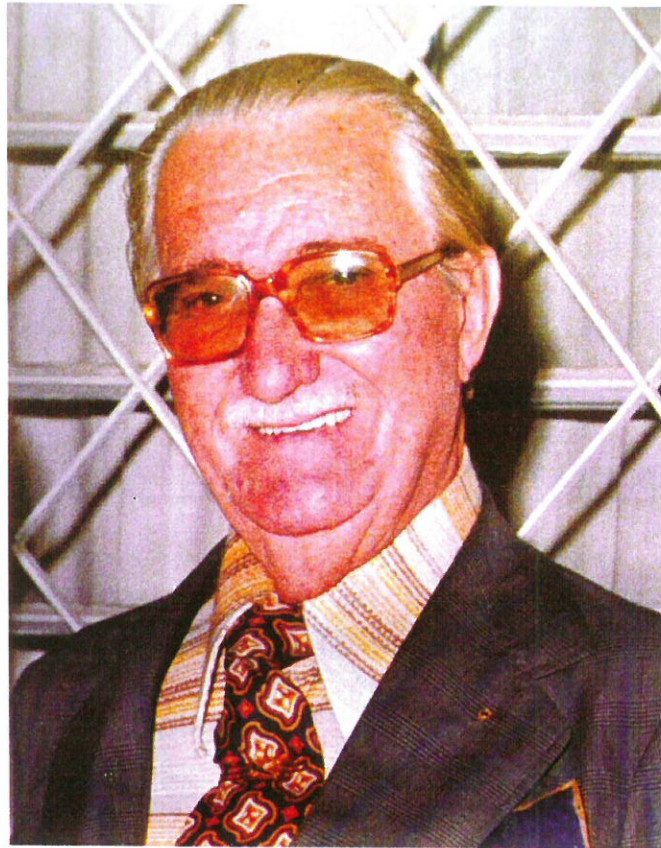
A JOÃO DE MELLO MACEDO, O JOÃO D'OESTE

“*Ex nihilo nihil fit*” - (nada vem do nada)

Há pessoas que nascem e morrem. Outras nascem, vivem e morrem. Outras ainda nascem, vivem, se tornam heróis e nunca morrem. Herói é um ser extraordinário por seus feitos guerreiros, valor ou magnanimidade. O protagonista de uma obra literária, diz o dicionário. Álvaro Granha Toregian afirmou que *os homens, para se tornarem imortais, precisam inexoravelmente 'morrer'*. Oscar Wilde escreveu que *viver é a coisa mais rara do mundo. A maioria das pessoas apenas existe*.

Em seus livros o nome de João de Melo Macedo é grafado como “Melo”. Alguns textos o nome aparece como “Mello”. Opto pela grafia usada em seus livros.

Em 8 de fevereiro de 1905, nas terras mineiras e em Santa Rita de Cássia, nasceu um menino filho de Venefredo e dona Ana Cândido, morta no parto. Menino esperto, criado pelos tios, aos doze anos de idade escreveu seu primeiro trabalho que ele chamou de folheto – um livro de poesias - com o título de **Primeiras Poesias**, publicado em 1917, de forma artesanal. Nosso menino fez a primeira fase educacional em Muzambinho e já era visto como promessa promissora no meio intelectual com apenas dezesseis anos. Na Semana da Arte Moderna de 22, em São Paulo,



recebeu honra ao mérito pela participação. Em Pouso Alegre se destacou em movimento literário e seu poema “Oração” lavrou classificação como um dos melhores trabalhos. Tornou-se amigo de poetas como Noraldino Vieira, Pedro Saturnino, Antonio Cândido, Odilon Azevedo, Carlos Drummond de Andrade, Mario Guimarães Rosa e outros, e com isto alçou-se à esfera dos ‘astros da poesia’ da época, lapidando, dia a dia, seu estilo e desenvolvendo sua capacidade com o manuseio das palavras em belíssimos sonetos e trabalhos literários fulgurantes.

Em Belo Horizonte chega ao quarto ano de Medicina, mas desiste e diploma-se em Farmácia e, com o diploma na mão, sua alma de aventureiro e pesquisador nato do folclore e da literatura regional, foi atraída pelas lendas e riquezas da região noroeste do Estado de São Paulo e pausa, para nossa alegria, na região do alto do “Jatahy”, num lugarejo chamado Tanaby, que lutava para se tornar de vila em município, pertencente ao distrito de São José do Rio Preto.

Em Tanabi tomou posse de vesga de terra pertencente à sua família e se instalou no meio

que sempre sonhou: a natureza bruta, ouvindo o canto dos pássaros e apreciando as intermináveis chuvas como orquestra para seus ouvidos; seus olhos inquietos sempre à procura do belo, sua mente aguçada para o natural, o espontâneo e a natureza em festa forjando, como Odin, deus nórdico da sabedoria, o fazia com sua espada, o poeta que nascia com todo seu esplendor sob a ação da bigorna do tempo. Tinha razão Ernest Hemingway quando disse: *o segredo da sabedoria, do poder e do conhecimento é a humildade*. E isto isso Macedo tinha em abundância.

Instala-se na vila Tanaby com sua botica e depois a transforma em **Pharmacia Tanaby**, um verdadeiro consultório médico onde ele mesmo manipulava remédios que em sua grande maioria era oferecido gratuitamente e por isto recebeu a alcunha feliz de **médico dos pobres**.

De porte atlético, bem constituído fisicamente, começou a se mostrar como um belo pretendente às moças da cidade e região. Seus poemas e sonetos a elas encantava e ele, muito polidamente, oferecia a cada uma foto sua com bela e específica dedicatória. Na linha de Mario Guimarães Rosa, de quem era amigo, se torna num sertanista e era visto pelas ruas em suas horas de lazer com bombacha branca, botas altas e bem engraxadas, lenço vermelho ao pescoço e enorme chapéu branco, levando à mão um bem trançado rebenque de couro artisticamente trabalhado que brandia durante sua calma caminhada. Sua mente fervilhava e entre o corre-corre da vida e seus momentos de introspecção fizeram nascer em 1935 seu

livro **Arribada** que mostrou-se como o cordão umbilical dele com as coisas da terra, da labuta do homem do campo, do mugir do gado nos pastos, do barulho das chuvas com seu maestro ribombando a batuta dos trovões. Carlos Drummond de Andrade disse que *há livros escritos para evitar espaços vazios na estante*, mas Arribada não, este veio para se destacar na estante e ficar no coração de cada leitor dada à forma apaixonante de suas composições retratando a força do homem na terra e em sua lida. O livro era para se chamar **Província**, mas acabou se tornando **Arribada**, editado pela Empresa Gráfica da Revista dos Tribunais, de São Paulo.

ARRIBADA

*Lá vem eles, lá vem,
trôpegos, marchando,
ao beijo emoliente da
soalheira.
A comitiva reduzida,
não os anima o algazarrêo
das chamadas,
nem o toque dos berrantes,
nem os embala
a barbara melopéa dos
aboios.
Caminham vagarosamente,
bois vadios, que se tresma-
lharam,
rêzes que as doenças retar-
daram
para essa marcha lúgubre e
cansada....
Para essa marcha sem poe-
sia,
No desconsôlo e no silêncio
da arribada...*

Como num vulcão em erupção, em abril de 1946, ele lança **Versos de Outro Tempo**. Mace-

do costumava oferecer exemplares a amigos especiais porque entendia ser o livro *um pouco avançado* e não para todos. Não buscava fazer deles comércio. Destaco aqui o que ele pensava do poeta:

A UM POETA

Ai! Porque elevas, no tumulto, o canto

e revelas, na praça, a tua dor?

O mundo, sabes? Ri do nosso pranto!

Esconde a angústia do traído amor.

Lágrimas, verte-as, pois, na solidão,

Porque a amizade, aqui, engana e ilude,

e é um nome proibido esse de irmão.

E uma louca ridícula - a virtude.

A teu martírio, cúpido e ferrenho,

esse povo, a quem falas, correrá;

Todos ver-te-ão curvar sob o teu lenho

- Ninguém de ti se compadecerá....

Oh! Mente, mente! O teu rosto jucundo

maskare íntima dor sempre a sorrir;

A verdade não é para este mundo,

ai daquele que não souber mentir".

(p. 19)

Interessante é a ponderação que Mario Quintana faz sobre o poeta. Ele diz: *A diferença entre um poeta e um louco é que o poeta sabe que é louco... Porque a poesia é uma loucura lúcida.*

Edgard Allan Poe nos diz:

aqueles que sonham acordados tem consciência de mil coisas que escapam aos que apenas sonham adormecidos. O poeta não é isso?

O livro foi publicado, mais uma vez, pela Empresa Gráfica da "Revista dos Tribunais". São Paulo, em abril de 1946.

O homem urbano com os pés fincados na terra que lavra, que cultiva, que faz produzir e que na botica reverencia aos químicos do passado na busca da cura das dores de quem o procura, e aquele que atrás de uma mesa e de caneta à mão, fez nascer em 1961 o **Cântico do Pioneiro**, com versos ilustrados por Aldemir Martins, transformando palavras em imagens maravilhosas e realísticas do pioneiro de nossas terras – o homem do campo.

Seus livros **Arribada** e **Versos de Outro Tempo**, provocaram intensa reação de literatos, jornalistas e admiradores em todo o país. De João Guimarães Rosa, recebeu carta com o seguinte trecho: *De volta de uma viagem ao interior de Minas – à paisagem grande e campineira – pude ler os belos poemas do seu 'Arribada', também um viajar, pela poesia, pelas estradas do sertão, com o vagaroso gado, na ruana de marcha braceira, assistindo à hora azul das queimadas, ouvindo o canto do carro de bois ou a buzina do peão... Como poderia deixar de gostar dele? Nessas páginas, eu poderia "cortar o chão o dia inteiro. Sua poesia é real e eficaz.* Ariovaldo Corrêa – in **Homens e coisas de Mirassol**, escreveu: *Há em seus versos uma arte, uma suavidade singular em reproduzir aspectos da natureza, cenas fidelíssimas da vida cam-*

peira, ora oferecendo-nos o retrato do camponês, cantarolante, arando a terra e antessanhando o milagre das colheitas, ora trazendo-nos de leve, aos ouvidos, o gostoso rumor da água da grotta. Foram muitos os que se manifestaram sobre o livro, entre eles Sebastião Almeida Oliveira, Orlando Romero, Judas Isgorogota, de A Gazeta; Eloy Pontes, de O Globo; Nelson Werneck Sodré, do Correio Paulistano, e outros.

Voava cada vez mais alto o 'canário da terra', o bandeirante Macedo e, demonstrando sua intensa devoção à Santa Rita de Cássia, padroeira de sua terra natal, escreve, em dois opúsculos, exaltação à Mãe de Jesus – Tríptico de Santa Rita de Cássia, em 1960, demonstrando o lado humano e religioso de seu coração e mente de poeta. Encanta ao mundo religioso por sua forma e estilo, sem exageros e indo profundamente em seu lado e formação cristã. Baden Powel disse: *Fazer a felicidade dos outros é a melhor maneira de ser feliz.*

Não mais conseguindo se livrar de Cupido, Macedo se enamora de Rackel Gauch que por décadas buscou vencer o eterno galanteador e casa-se na Igreja de Aparecida do Norte. Ela era professora de francês e seu aluno Macedo se tornou num *expert* em leitura e fala na língua francesa. Macedo, nosso Joao D'Oeste, era poliglota dominando o italiano, o espanhol, o árabe, o francês, o grego e o latim. Era jornalista e se correspondia com renomados autores brasileiros e jornais de todo o país. Era um homem atualizado e integrado a seu tempo participando do mundo em que vivia.

Falecida a esposa Rackel, casou-se em sua prima, dona Maria Macedo Nubile em 12 de outubro de 1967. Dos casamentos não houve filhos, mas Macedo adotou filho, que morreu de forma precoce, auxiliando outras crianças e ajudando-as na linha da vida.

Sobre ele, o Joao D'Oeste, escrevi, no meu livro **Letras em Gotas**, página 41:

MESTRE MACEDO.

**Braços para trás, caminha
absorto em pensamentos
mil,
olhar distante como a avezi-
nha
no céu infinito cor azul anil.
Levanta cedo, saúda a ma-
nhã,
visita a cidade, seu povo e
ruas,
sempre pensando e com
mente sã
lá está o Mestre em andanças
suas.
Filosofa, faz da vida poesia,
canta o amor, domina idiomas,
médico dos pobres, o povo
diz,
dá ao viver refinado-aroma.
Intelecto profundamente en-
riquecido,
personalidade forte, nobre e
marcante,
em nosso meio é o bom Ma-
cedo querido,
filantropo, humano, de valor
relevante.
(Letras em Gotas – p. 41)**

Em todo meu aniversário recebia cartão com pequeno verso grafado e com sua conhecida assinatura. Guardo-os com muito carinho.

Macedo viveu e construiu à sua volta um verdadeiro universo de conquistas para a comunidade tanabiense e regional. Não só plantou árvores, escreveu versos, livros, artigos. Ele fundou o Aero Clube, conseguindo a doação de dois aviões para o clube que ministrava aulas de aviação formando pilotos, o Tênis Clube; foi delegado Regional de Cultura da Sociedade de Etnografia e Folclore de São Paulo; um dos criadores do Tiro de Guerra, da Associação Rural, do Clube dos Tangarás, do Tanabi Cestobol Clube, membro-fundador do Lions Clube de Tanabi, mantenedor de várias instituições caritativas, trabalhou na criação do Brasão de Armas de Tanabi em consonância com Antonio do Nascimento Portela⁽¹⁾, artista plástico de São José do Rio Preto; autor da letra do Hino do Município de Tanabi, um dos criadores e mantenedor da antiga Escola Técnica de Comércio Visconde de Mauá, hoje Fundação Educacional que leva o seu nome.

Não retinha seu conhecimento só para si. Era palestrante e conferencista e representou a região na Festa da Uva do Rio Grande do Sul, em 1954, onde, entre outros, saudou o presidente da República, Getúlio Vargas, que visitava aquele empreendimento. Causou espanto sua eloquência e oratória, fazendo seu discurso em quatro idiomas simultaneamente e dando uma 'aula' sobre vinicultura. Chegou a ser sondado para ser Ministro da Cultura. Sócrates afirmou: *As almas de todos os homens são imortais, mas a alma dos homens justos são imortais e divinas.*

João D'Oeste não ficou só nisso. Foi prefeito nomeado de

Tanabi de 28 de dezembro de 1943 a 1 de março de 1945. Capitaneou o processo de elevação do Município de Tanabi a Comarca, instalada em 13 de junho de 1945. Sabendo que um homem deve plantar uma árvore, escrever um livro e ter um filho, como não conseguiu esta última 'exigência natural', fundou a cidade de Macedônia no dia 7 de maio de 1945, em terras de sua propriedade que loteou e doou a pessoas e instituições. Ajudou a abrir as picadas, atuou na derrubada da mata e colheu os primeiros balaios de café em sua antiga propriedade, a Fazenda Santa Maria das Anhumas.

Recebeu em vida várias homenagens como a Medalha Santos Dumont, do Ministério da Aeronáutica, títulos de cidadão em Cunha e Cássia; dá nome a uma escola em Diadema-SP.

Com seu violão cantava músicas da velha guarda em saraus culturais que fazia organizar. Professor de Português e Latim, traduziu a obra **Divina Comédia** para o grego, escreveu e adaptou várias peças de teatro além de traduzir do inglês para português a obra **Oficial da Guarda**, do repertório da CIA, escrevendo inúmeros monólogos, como por exemplo "As Carmelitas". Fez jus ao que disse Jack London: *A verdadeira função do homem é viver, não apenas existir.*

Como soe acontecer com todos, a chama de sua vida extinguiu-se no dia 18 de outubro de 1981, aos setenta e seis anos. Olavo Bilac disse: *envelhecemos rindo! Envelhecemos como as árvores envelhecem.* Com ele não foi diferente e deixou frutos a mancheias. Steve Jobs disse:

cada sonho que você deixar para trás, é um pedaço de seu futuro que deixa de existir. Ele viveu todos os seus sonhos e transformou em realidade muitos e nossos sonhos. Seu nome foi perpetuado, também, na praça central da cidade "Praça João de Mello Macedo", declarada recentemente por trabalho encomendado pelo jornal Diário da Região como uma das sete maravilhas da região. Seu corpo está sepultado no Cemitério Central da cidade.

Cora Coralina afirmou que *poeta, não é somente o que escreve. É aquele que sente a poesia, se extasia sensível ao achado de uma rima, à autenticidade de um verso.* Ele foi assim.

Era João de Mello Macedo um homem que vivia e observava tudo à sua volta. Numa de nossas memoráveis reuniões, quando da elaboração da letra do Hino de Tanabi, ele, parado e de olhos fixos nas lâmpadas fluorescentes da sala, foi por mim chamado à realidade, e então, com sua voz anasalada e firme, sem tirar os olhos das lâmpadas, me perguntou: "...Caprio, pingo é letra?" Eu prontamente respondi que sim. E ele, depois de uma bela gargalhada, e observando os pontinhos (cocô) deixados lá pelas moscas, completou... "então a mosca é escritora..."

Este era João de Mello Macedo, nosso João D'Oeste.

Dezembro de 2016.

(1) Patrono da Cadeira nº 14 desta Academia, ocupada por Norma Vilar. Nota do Editor

Antonio Manoel

Contato

Pele,
não qualquer pele,
sim a superfície de um rio
de seda fremente
recém-tecida na folha da amora
vibrante à luz do sol supino
sobrestante
a macias sombras.

Pele, alameda de hibiscos
por onde a mão percorre expectante
em busca do êxtase e do riso

Esboço de Corpo

O teu corpo é um mapa
(talvez mapas) universal,
um mapa interno que percorro a mão,
pela externa pele a fim de se ecoar
nas paredes tensas do teu coração.

O teu corpo é um mapa:
quando o leio aprendo
mesmo distraído
os secretos rios,
as veredas densas,
e os mais altos picos.

Mapa é ter corpo
(país, ou melhor, países)
nele me renovo
e vejo as fortes raízes.

Mapa, não, teu corpo vivo
não se imita em modelos
ou esquemas. Esquivo,
este teu corpo anima
meu ser em outra ordem.

Poemas extraídos do livro Tu, editado em 2000, pela Editora Rio-pretense

Ferdinando Giovinazzo

Resignação

A vida se mantém indiferente
Em círculos de angústias disfarçados.
Os minutos arrastam-se emperrados
Numa engrenagem gasta e decadente.

Caminhos que se cruzam de repente,
Como veículos desgovernados;
E a luz que brota assim, timidamente.
Nunca ilumina o chão dos meus pecados.

São noites sem destinos e sem meta
Num silêncio de névoa, que acarreta,
Os protestos de um velho e longo tédio;

E uma saudade morna e aborrecida
Que me acompanha sempre, arrependida
De persistir num mundo ser remédio.

Calendário de Ódio

Existe um calendário de rancor.
Vejo-me o alvo e a meta preferida.
Desarvorado e frágil lutador
Refém de um lado ilógico da vida.

De onde me vem o espectro agressor
Dessa confusa ira ensandecida?
De mais de meio século de amor
Nos labirintos da ilusão perdida?

Acusa-me entretanto o calendário.
Que por ser mórbido em imaginário
Põe-me indefeso e verga-me a cerviz.

E assim como o Profeta com seu lenho,
Vou carregando culpas que não tenho
E pagando pecados que não fiz.

Poemas extraídos do livro Últimos Sonetos Últimos Poemas, editado em 2003, pela Editora Mundial

Poesia - poema - poesia - poema - poesia - poema - poesia - poema

Hygia T. C. Ferreira

Poesia à La Carte

Do cardápio ao painel eletrônico
é possível ter-se um rol de poesias
para pronta degustação.

Segundo o dono do restaurante
a procura tem sido satisfatória.
Consumi-las equivale à qualidade de vida
física e espiritual.

Escolhe-se por inclinação
melódica, rítmica
Por reencontro de alma e de ser.
O endereço, por enquanto
é pouco divulgado
há receio de banalização.

Por não concordar com pré-julgamentos
conto-lhe, sem segredo:
é na esquina, aqui ao lado.

Escritura

Como fugir da inércia
se o silêncio plural que me circunda
afasta texto e interregno?

Se tivesse a certeza
de que chegaria ao fim
a aridez que me consome
e se pudesse preencher
a elipse da palavra inspiradora
não me importaria de ter a pele
escrita e reescrita mil vezes.

Âncora do meu presente,
aponte-me a poesia sem prazo.
Meu verbo quer dialogar com o seu
até a saciedade textual.

Zêqui Elias

Teu Corpo

Meus dedos não alcançam
nuvens azuis no céu
nem cortam mares que tocam a tua
meus dedos tocam ternura
teus olhos candentes
tua carne em brasa
incandescência de desejo
prestes a explodir.

Meus dedos são a minha própria paixão —
passaporte que não tem barreira, nem fronteira,
que cobre teu corpo de recomposição.

Silêncio

O silêncio que, às vezes, abomino,
caminha
par e passo
junto aos meus passos.

O silêncio que, às vezes, solicito,
navega
calmo e silencioso
junto ao casco do meu veleiro.

O silêncio que aguardo
espreita do norte tão próximo
um passo além do meu caminho
junto à sombra do espectro da minha morte.

Jocelino Soares

...E o Circo Se Foi

Pesquisas mostram que as civilizações antigas praticavam algum tipo de arte circense. Os chineses, gregos, egípcios e indianos praticavam essa atividade há mais de 4.000 anos. O circo tal qual conhecemos hoje teve início no Império Romano, e o primeiro a ganhar projeção em todo Império foi o Circus Máximus. Relatos históricos dão conta de que teria sido inaugurado no século VI a.C., com a extraordinária capacidade para 150.000 pessoas. A principal atração era as corridas de carruagens e com o passar do tempo outras atrações foram incorporadas, entre elas, lutas de gladiadores, apresentações de animais selvagens, pessoas com habilidades especiais, como engolidores de fogo, por exemplo.

Com o fim do império dos Césares e início da era medieval, artistas populares passam a improvisar apresentações em praças públicas, feiras e entradas de igrejas. Intuitivamente, davam início às famílias de saltimbanco, viajando de cidade em cidade apresentando números cômicos, pirofagia, malabarismo, dança e números teatrais.

O circo antigo deu lugar à arte circense moderna, na Inglaterra no século XVIII, com picadeiro circular. Philip Astley inaugurou em 1768, em Londres, o Royal Amphitheatre of Arts - Anfiteatro Real das Artes - para exibições equestres. Os organizadores para quebrar a sobriedade das apresentações alternavam números com palhaços, todo



tipo de acrobatas e malabares. Esse tipo de espetáculo caiu no gosto popular que, 50 anos após, o circo inglês era imitado não só no continente europeu, atravessou o Atlântico e se espalhou pelos quatro cantos do planeta.

No Brasil, a história do circo começa no século XIX, com famílias vindas da Europa e se apresentando nos mais longínquos rincões. Não importava o tamanho da cidade, em um canto qualquer de um bairro descalço e poeirento, lá estava a caravana composta por velhos caminhões para o transporte, alguns trailers onde mal se acomodavam transformados em residências. Em poucas horas de serviço, homens e mulheres, num trabalho coordenado como se fossem formiguinhas esticavam cordas, puxavam a lona sobre as armações e como que num passe de mágica estava montado o circo. À noite, esses mesmos trabalhadores

braçais, tornavam-se malabaristas, contorcionistas, trapezistas e palhaços. – Ah, os palhaços, deles falarei na próxima crônica -.

Quando o circo chegava à cidade, em pouco tempo todos ficavam sabendo. A bordo de veículos coloridos geralmente ocupados por palhaços, esses, anunciavam que haviam chegado e convidavam para a estreia. Todos os habitantes entravam em clima de euforia, principalmente a criançada que não via o dia chegar.

No dia e horário anunciado, as luzes em torno todas acesas, homens, mulheres e crianças faziam filas para a noite especial. Rapidamente entravam e procuravam sentar-se próximo ao picadeiro para não perderem nenhum detalhe.

De repente, as luzes da plateia se apagavam. Ouvia-se o ruído dos tambores. No picadeiro surgia o apresentador anunciando a plenos pulmões: “Respeitável público..!”

Pronto! Um misto de magia, de sonho e encantamento estava no ar. O espetáculo havia começado. Em meio à plateia, um par de olhinhos infantis, emocionados, marejados de lágrimas na mais pura emoção. Eram os meus!

Tantas coisas se foram... Inclusive, os circos da minha infância.

~~~~~

*O palhaço Mixirica, do Circo dos Irmãos Alciati, famoso da região nos anos de 1960/1970*

## FIZ AS PAZES COM PAPAI NOEL

É Natal!

P e n s o que todo final de ano é sempre assim. As pessoas se encontram seja nas ruas ou em qualquer outro lugar e logo vem nos desejando um feliz natal e próspero ano novo e, passa ano entra ano, sempre a mesma coisa.

Sinto que os corações ficam menos duros e toda gente tem a necessidade de se confraternizar, acreditar que o ano que se avizinha será melhor, enfim, que tudo será diferente. Passa o final do ano, e tudo volta como dantes, tudo se acomoda e a vida segue seu ritmo natural. As dores têm que ficar para trás, os desejos deverão continuar, pois ele é o combustível que nos impulsiona para seguirmos em frente, mesmo com os possíveis reveses. Sabemos, no entanto, que muitas vezes aquilo que pensávamos ser um mal, pois, a dor é imensa, quando tudo passa, damos-nos conta que tudo aconteceu para o nosso bem.

Eu também fico com o coração “amolecido” com as festas de fim de ano e, não tenho como deixar de lembrar os tempos idos de menino de pés descalços, esfolados nos “tropicões” da vida.

Esta era a única época em que tomávamos guaraná caçulinha. Os nossos pais faziam um furo na tampinha com um prego e ali ficávamos sorvendo lentamente aquele líquido que mais parecia ter saído das fontes mágicas dos contos de fadas de tão



especial que era. Apesar de tomá-lo sem gelo, pois ninguém na roça possuía geladeira que, além de não termos energia elétrica em nossas casas o objeto era considerado de luxo e como tal: para poucos.

O ritual era seguido pelos irmãos que também tomavam lenta e vagorosamente, sentindo o sabor de cada gole. Para fingirmos que tínhamos tomado vinho, deixávamos cair de propósito algumas gotas na camisa.

No almoço de natal era servido macarrão da marca São Jorge - vinha numa embalagem roxa - com massa de tomate e frango que, coitado, fora criado o ano inteiro para ser morto exatamente naquele dia ou então um leitão assado no forno à lenha temperado um dia antes. Enfim, esse era o dia de natal na roça.

E os presentes que hoje toda criança ganha?

Também nós ganhávamos? Não! Claro que não! Tai, a minha diferença com aquele senhorzinho gordo usando roupas vermelhas e de barbas brancas, tão bonzinho com as crianças dos filhos do nosso patrão. Enquanto que nós, crianças pobres moradores em taperas era nos negado tal privilégio. Eu sempre te achei um mau velhinho, sabia?

Nas histórias infantis lidas pela dona Odília, nossa professora, da escolinha rural, dizia ela que na noite de natal a bordo de um trenó puxado por renas vindas do pólo norte, o senhor desceria pela chaminé das casas e deixaria junto da lareira muitos presentes.

A chaminé nós tínhamos, só não possuíamos a tal lareira. No máximo um fogão a lenha cheio de picumãs dependurados, balançando ao sabor do vento presos às ripas sob as velhas telhas.

Ah! Papai Noel! Quantos natais de minha infância adormeci pensando em receber a sua visita? Como eu não tinha sapatos, colocava todos os anos um velho par de meias e um punhado de capim para o senhor alimentar as renas caso sentissem fome.

Nas noites de natal eu o ouvia sobrevoar as casas a bordo do seu trenó puxado pelas belas renas, cantolando uma antiga canção, na minha, o senhor nunca desceu.

“Garrei num ódio d’ocê, Papai Noel!”

Cheguei a sentir muita raiva! Hoje, tantos anos depois não tenho mais esse sentimento pelo senhor. Contaram-me toda a verdade. Mesmo assim, sinto um desejo enorme de colocar as velhas meias na minha janela.

Papai Noel, ainda há tempo! Repare seu erro do passado, deposite nelas meu presente. Tenho certeza que o senhor saberá qual é! (JS)



## ESTRELA CADENTE

Noite dessas, ao fechar a janela do meu quarto, dei uma olhada no tempo e deparei-me com um céu límpido e claro como há muito não se via. Depois de uma semana de muitas chuvas o firmamento estava novamente luminoso e salpicado de estrelas.

Por uns instantes fiquei a meditar na beleza do universo, na sua grandiosidade e nos segredos que ele encerra. Estava paralisado a ouvir estrelas quando de repente uma cena que há muito não via se repetiu: uma graciosa estrela cadente riscou o céu rumo ao horizonte. Junto da janela fiquei a meditar: como eu podia ter me esquecido da beleza que é uma estrela cadente. Há quantos anos eu não via uma assim tão intensa, tão luminosa e tão bela!

Momentos se passaram sem que eu me desse conta. Em instantes me vi criança na fazenda em que eu morava. E nas noites mornas do sertão, as famílias colocavam as cadeiras nos terreiros à porta da sala devido ao calor, para uma prosa, um “paieiro” e para admirar o céu e não raro ver as estrelas cadentes nas noites de lua cheia.

Quando tal fato acontecia, os mais velhos diziam para que não apontássemos o dedo em direção a estrela cadente senão dava “birruca” na ponta do nariz. No máximo

que podia fazer era um pedido e com muita fé. Fiz tantos e acho que nunca fui atendido. Confesso, tinha uma vontade enorme em apontar o dedo só para ver se era verdade o que elas diziam, mas o medo era maior. Imaginava acordar no outro dia com uma enorme verruga na ponta do nariz, e o que era pior: a molecada tirando uma na minha cabeça.

Certa noite, eu tive a impressão que uma caiu próxima ao campinho de futebol que ficava em frente a minha casa. Pensei comigo: amanhã quando eu acordar, irei apanhar a estrela cadente. Se ela for bem “piquininha” eu a coloco numa caixinha de fósforos para quando eu adormecer ela ficar alumando o meu quarto. Se ela for “maiorzinha”, então, eu a coloco no meio da sala, assim não será preciso acender a lamparina que tem a chama torta e se apaga com um simples vento.

No outro dia pela manhã, levantei-me bem cedo e fui ao local em que ela havia caído. Para minha surpresa não havia estrela no chão e muito menos enroscada em alguma árvore.

Fiquei tão decepcionado em não tê-la encontrado que passei o resto do dia triste, cabisbaixo, pensativo. O que teria acontecido com a minha estrela? Será que alguém

também a vira e a apanhou antes de mim? Ou estrela quando caem se desmancham sem que ninguém as veja? Se era verdade, onde estava os restos da estrela morta?

Comecei a imaginar que as estrelas cadentes eram pura invenção dos adultos, como eram também as histórias da carochinha. Nunca deixei de acreditar que um dia eu teria só para mim uma estrela cadente.

Um dia já mais tarde, um amiguinho que estava na quarta série veio com uma história dizendo que as estrelas cadentes não passavam de meteoritos. Imediatamente eu quis saber o que era aquilo. Ele então disse que a professora falou que eram pequenas pedras que viajavam pelo espaço e que ao entrarem na atmosfera terrestre elas se desintegravam com o atrito deixando um rastro luminoso. Então as estrelas eram pedras normais muito parecidas com as da Terra..

Mas para mim, elas serão sempre pingos de diamantes presas no céu por cordões invisíveis que ao se desprenderem, deixavam gotinhas espalhadas ao vento.

A noite vai alta. Terminou por fechar a janela. Lá fora o firmamento e em algum lugar na Terra um menino sonha com uma estrela cadente! (JS)

Cadeira nº 01

Patrono: ROMILDO SANT'ANNA

Ocupante: ROMILDO SANT'ANNA  
ESCRITOR - DIRETOR DE CINEMA



Cadeira nº 02

Patrono: ALFREDO L. C. CARVALHO

Ocupante: ALFREDO LEME  
COELHO DE CARVALHO  
ESCRITOR - LEXICÓGRAFO



Cadeira nº 03

Patrono: AGOSTINHO BRANDI

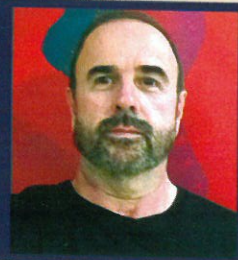
Ocupante: AGOSTINHO BRANDI  
HISTORIADOR



Cadeira nº 04

Patrono: ARAGUAI GARCIA

Ocupante: ARAGUAI GARCIA  
ARTISTA PLÁSTICO



Cadeira nº 05

Patrono: SAMIR FELÍCIO BARÇA

Ocupante: SAMIR F. BARÇA  
ESCRITOR - PESQUISADOR



Cadeira nº 06

Patrono: CECÍLIA DEMIAN

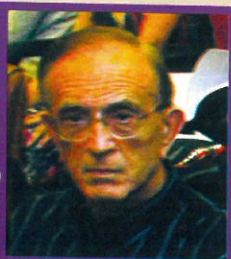
Ocupante: CECÍLIA DEMIAN  
ESCRITORA - JORNALISTA



Cadeira nº 07

Patrono: SALVATORE D'ONOFRIO

Ocupante: SALVATORE D'ONOFRIO  
ESCRITOR - ENSAISTA



Cadeira nº 08

Patrono: **LELÉ ARANTES**

Ocupante: **LELÉ ARANTES**  
ESCRITOR - HISTORIADOR



Cadeira nº 09

Patrono: **WILSON DAHER**

Ocupante: **WILSON DAHER**  
ESCRITOR - DRAMATURGO



Cadeira nº 10

Patrono: **MARIA HELENA CURTI**

Ocupante: **MARIA HELENA CURTI**  
ARTISTA PLÁSTICA



Cadeira nº 11

Patrono: **DOMINGO MARCOLINO BRAILE**

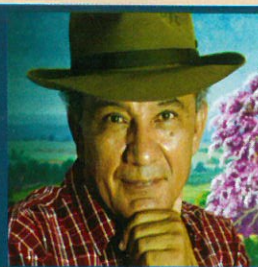
Ocupante: **DOMINGO M. BRAILE**  
ESCRITOR - CRONISTA



Cadeira nº 12

Patrono: **JOCELINO SOARES**

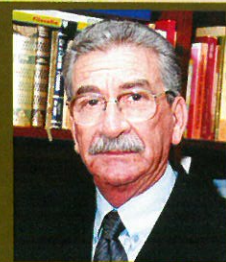
Ocupante: **JOCELINO SOARES**  
ARTISTA PLÁSTICO - ESCRITOR



Cadeira nº 13

Patrono: **ZEQUI ELIAS**

Ocupante: **ZEQUI ELIAS**  
POETA - ESCRITOR



Cadeira nº 14

Patrono: **ANTONIO DO NASCIMENTO PORTELA**  
ARTISTA PLÁSTICO - 8/1/1920 - 23/2/2014

Ocupante: **NORMA VILAR**  
ARTISTA PLÁSTICA



O patrono da Cadeira 14 nasceu em Guanambi, na Bahia. Foi um dos artistas plásticos mais premiados de Rio Preto, admirado pela sociedade e respeitado pelos colegas.



Cadeira nº 15

Patrono: **EDSON VICENTE BAFFI**  
FOTÓGRAFO - 15/1/1952 - 23/2/2011

Ocupante: **ARIF CAIS**  
ZOOLOGO - AMBIENTALISTA



O fotógrafo Edson Baffi é o patrono da Cadeira nº 15; em fevereiro de 2011 ele partiu e deixou para a cidade milhares de fotografias que permeiam hoje os livros de história.

Cadeira nº 16

Patrono: **LUIZ DINO VIZOTTO**

Ocupante: **LUIZ DINO VIZOTTO**  
ESCRITOR - BIÓLOGO - PESQUISADOR



Cadeira nº 17

Patrono: **JOSÉ LUIZ C. CASAGRANDE**  
PROFESSOR - 2/2/1935 - 22/2/2009

Ocupante: **DULCE MARIA PEREIRA**  
ESCRITORA - DOCUMENTARISTA



Patrono da Cadeira nº 17, José Luiz Carneiro Casagrande foi professor de Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Catanduva (Fafica) e docente do Departamento de Estudos Linguísticos e Literários da FAFL, atual Ibilce/Unesp.

Cadeira nº 18

Patrono: **MARCOS SISCAR**

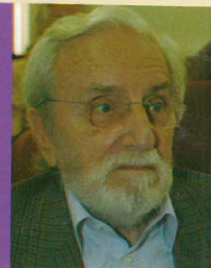
Ocupante: **MARCOS SISCAR**  
POETA - TRADUTOR



Cadeira nº 19

Patrono: **ALEXANDRE CABALLERO**  
FILÓSOFO - 11/1/1924 - 10/8/2011

Ocupante: **VAGA**



Filósofo, apaixonado por genealogia e heráldica, Alejandro Caballero y García-Barba de Figueroa nasceu na Espanha e dedicou sua vida à educação, no Brasil. É o Patrono da cadeira 19.

Cadeira nº 20

Patrono: **GUILLERMO DE LA CRUZ CORONADO**  
ESCRITOR - POETA - 20/4/1921 - 9/2/2012

Ocupante: **AGUINALDO GONÇALVES**  
POETA - FILÓLOGO

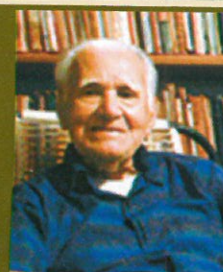


Filólogo e poeta, Guillermo nasceu na Espanha e ainda jovem veio para o Brasil onde teve intensa carreira como poeta, filósofo, teólogo e professor.

Cadeira nº 21

Patrono: **FERDINANDO GIOVINAZZO**  
POETA - LIVREIRO - 28/12/1919 - 13/1/2014

Ocupante: **SÉRGIO VICENTE MOTA**  
ESCRITOR - PESQUISADOR



O patrono da Cadeira 21 é o poeta, tipógrafo e livreiro Ferdinando Giovinazzo, um dos maiores poetas que a cidade já produziu em toda a sua história literária.

Cadeira nº 22

Patrono: WALDNER LUI

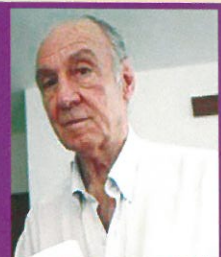
Ocupante: WALDNER LUI  
JORNALISTA - ESCRITOR



Cadeira nº 23

Patrono: JAYME SIGNORINI

Ocupante: JAYME SIGNORINI  
ESCRITOR



Cadeira nº 24

NILCE APPARECIDA LODI RIZZINI

Ocupante: NILCE AP. LODI RIZZINI  
HISTORIADORA



Cadeira nº 25

Patrono: WILSON ROMANO CALIL

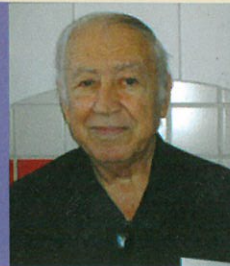
Ocupante: WILSON ROMANO CALIL  
ESCRITOR



Cadeira nº 26

Patrono: ROBERTO FARATH  
PIANISTA - 26/1/1933 - 21/5/2009

Ocupante: ADIB ABDO MUANIS  
CRONISTA - JORNALISTA



O patrono da Cadeira 26, Roberto Benedito Farath foi um dos pianistas mais famosos da noite rio-pretense e só não se tornou um ícone nacional porque não quis deixar a cidade

Cadeira nº 27

Patrono: ANTONIO MANOEL

Ocupante: ANTONIO MANOEL  
POETA - ESCRITOR



Cadeira nº 28

Patrono: JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB

Ocupante: JOSÉ LUIZ BALTHAZAR JACOB  
ESCRITOR - ROMANCISTA



Cadeira nº 29

Patrono: ROSALIE GALLO Y SANCHES

Ocupante: ROSALIE GALLO Y SANCHES  
ESCRITORA - POETISA



Cadeira nº 30

Patrono: HUMBERTO SINIBALDI NETO

Ocupante: HUMBERTO SINIBALDI NETO  
ATOR - DIRETOR DE TEATRO



Cadeira nº 31

Patrono: HYGIA T. CALMON FERREIRA

Ocupante: HYGIA T. CALMON FERREIRA  
ESCRITORA - POETISA



Cadeira nº 32

Patrono: LÉZIO JUNIOR

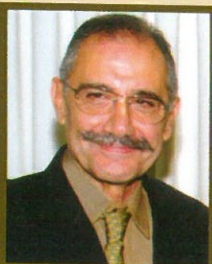
Ocupante: LÉZIO JUNIOR  
CARICATURISTA



Cadeira nº 33

Patrono: PAULO CESAR NAOUM

Ocupante: PAULO CESAR NAOUM  
ESCRITOR - CIENTISTA



Cadeira nº 34

Patrono: VERA PARÁBOLI MILANESE

Ocupante: VERA PARÁBOLI MILANESE  
ESCRITORA - POETISA



Cadeira nº 35

Patrono: CARLOS DAGHLIAN  
ESCRITOR - 11/1/1938 - 16/9/2016

Ocupante: VAGO



Cadeira nº 36

Patrono: NIVALDO PASCHOAL CARRAZZONE  
CRONISTA - 28/2/1927 - 15/8/2012

Ocupante: NÍDIA PUIG VACARE  
ESCRITORA - TRADUTORA



O patrono da Cadeira 36, Carrazzone foi um dos mais produtivos cronistas rio-pretenses, atuando no jornal A Notícia, da qual foi o último proprietário; escreveu livros de viagens.

Cadeira nº 37

Patrono: DURVAL NORONHA

Ocupante: DURVAL NORONHA  
ESCRITOR - CONTISTA



Cadeira nº 38

Patrono: PAULO DI TARSO

Ocupante: PAULO DI TARSO  
MAESTRO



Cadeira nº 39

Patrono:

Ocupante

Cadeira nº 40

Patrono:

Ocupante:

Cadeira nº 41

Patrono: ANTONIO CARLOS DEL NERO

Ocupante: ANTONIO CARLOS DEL NERO  
ARTICULISTA - FUNDADOR



Cadeira nº 42

Patrono: ANTONIO FLORIDO

Ocupante: ANTONIO FLORIDO  
ARTICULISTA - FUNDADOR



Cadeira nº 43

Patrono: **PAULO COELHO SARAIVA**

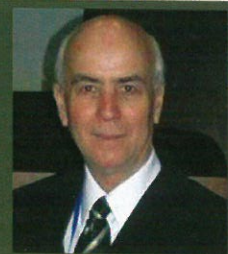
Ocupante: **PAULO COELHO SARAIVA**  
FUNDADOR



Cadeira nº 44

Patrono: **ALBERTO GABRIEL BIANCHI**

Ocupante: **ALBERTO GABRIEL BIANCHI**  
ESCRITOR - MEMORIALISTA - FUNDADOR



Cadeira nº 45

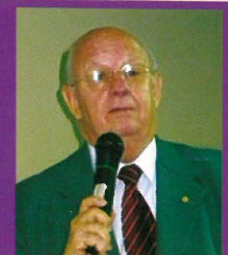
Patrono: **JOÃO ROBERTO SAES**

Ocupante: **JOÃO ROBERTO SAES**  
FUNDADOR - FUNDADOR



Membro Correspondente  
**LAMARTINE DE ANDRADE LIMA**  
(Salvador/BA)

ESCRITOR - HISTORIADOR



Membro Correspondente  
**ISABEL ORTEGA**  
(Espanha)

DIRETORA DE TEATRO - AGENTE CULTURAL



Membro Correspondente  
**ANTONIO CAPRIO**  
(Tanabi/SP)

ESCRITOR - HISTORIADOR - ESCULTOR



Membro Honorário  
**NORBERTO BUZZINI**

JORNALISTA



Membro Honorário  
**LYGIA FAGUNDES TELES**

ESCRITORA



Membro Honorário  
**PASQUALE AMATO**  
(Itália)

ESCRITOR - HISTORIADOR



Membro Honorário  
**FABIO LUCAS**

ESCRITOR - CRÍTICO LITERÁRIO



## EXPEDIENTE

Academia Rio-pretense de Letras e Cultura -  
ALERC  
Rua Saldanha Marinho, 3156, Centro  
São José do Rio Preto - SP

Revista Kapiiuara  
Órgão Oficial da ALERC  
Edição nº 1 - Dezembro de 2016

Editor: Lelé Arantes  
Revisão parcial: Cecília Demian  
Editoração: Dobb  
Impressão: RR Tiguana (17)3215-12580

PRESIDENTE: Rosalie Gallo y Sanches  
PRIMEIRO VICE-PRESIDENTE: José Luiz  
Balthazar Jacob  
SEGUNDO VICE-PRESIDENTE: Wilson Daher  
PRIMEIRO SECRETÁRIO: Alberto Gabriel Bianchi  
SEGUNDO SECRETÁRIA: Maria Helena Curti  
PRIMEIRO TESOUREIRO: Jayme Signorini  
SEGUNDO TESOUREIRO: Waldner Lui  
DIRETOR CULTURAL: Araguaí Garcia

DIR. DE RELAÇÕES PÚBLICAS: Cecília Demian

DIR. DE PATRIMÔNIO: Lelé Arantes

CONSELHO FISCAL:

1. Durval de Noronha Goyos Junior

2. Nilce Lodi

3. Antonio Florido

SUPLENTES:

1. Jocelino Soares

2. Vera Márcia Paráboli Milanese

Dedicamos este exemplar à memória dos nossos cole-  
gas imortais:

Alexandre Caballero

Antonio do Nascimento Portela

Carlos Daghlian

Edson Vicente Baffi

Ferdinando Giovinzano

Guillermo de La Cruz Coronado

José Luiz Carneiro Casagrande

Nivaldo Paschoal Carrazzone

Roberto Benedito Farath

e a Ferreira Gullar



# POEMA

Para Leo Victor

Se morro  
o universo se apaga como se apagam  
as coisas deste quarto  
se apago a lâmpada:  
os sapatos-da-ásia, as camisas  
e guerras na cadeira, o paletó-  
dos-andes,  
bilhões de quatrilhões de seres  
e de sóis  
morrem comigo.

Ou não:  
o sol voltará a marcar  
este mesmo ponto do assoalho  
onde estive meu pé;  
deste quarto  
ouvirás o barulho dos ônibus na rua;  
uma nova cidade  
surgirá de dentro desta  
como a árvore da árvore.

Só que ninguém poderá ler no esgarçar destas nuvens  
a mesma história que leio, comovido.

Ferreira Gullar - 1930 - 2016

